



CRB

ABRIL 2008 • XLIII • nº 410

CONVERGÊNCIA

- "Escolhe, pois, a vida":
Fraternidade e defesa da vida. CF 2008
- Ampliar alianças intercongregacionais
- Grandes questões sociais e ambientais:
Interpelações para a Vida Religiosa

Sumário

Editorial

Páscoa: a festa da esperança	201
------------------------------------	-----

Homenagem

Memória da Irmã Carmelita – FRATER HENRIQUE CRISTIANO JOSÉ MATOS	204
--	-----

Palavra do papa

Mensagem de Sua Santidade Bento XVI para o 45º Dia Mundial de Oração pelas Vocações.....	209
--	-----

Informe CRB

Proformar: Programa de Formação para Assessoras(es) Regionais.....	214
Reunião da CEN: primeira de 2008	216

Artigos

“Escolhe, pois, a vida”: fraternidade e defesa da vida. CF 2008 – FRED CARLOS MESTERS	218
Ampliar alianças intercongregacionais – PADRE JOÃO BATISTA LIBANIO	239
Grandes questões sociais e ambientais. Interpeleções para a Vida Religiosa – PADRE JOSÉ COMBLIN	256

A ilustração da capa, de Imã Anderson S. Pereira, msc, nos mostra a Cruz de Cristo rompendo o horizonte e entrando em nosso mundo. Nossa resposta, associada à Encarnação, torna-se força geradora de vida e missão. Discípulos e discípulos de Jesus Cristo, precisamos da coragem de nos lançarmos e mergulhar em novas realidades, com renovada força e criativa fidelidade.



CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB

ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL

Ir. Márian Ambrósio, dp

REDATORA RESPONSÁVEL

Ir. Ires L. Pontim, fsp

MTb 10.764

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO

Coordenadora:

Ir. Márian Ambrósio, dp

Conselho editorial:

Ir. Aíla Pinheiro de Andrade, nj

Pe. Francisco Taborda, pj

Pe. Jaldemir Vitorino, sj

Pe. Cleto Caliman, sdb

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Alcindo Guanabara, 24/4º andar

20038-900 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 2240-7299

Fax: (21) 2240-4486

E-mail: crb@crbnacional.org.br

www.crbnacional.org.br

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Projeto gráfico:

Manuel Rebelato Miramontes

Revisão:

Cirano Dias Pelin e

Ana Cecília Mari

Impressão:

Gráfica de Paulinas Editora

Os artigos assinados são de responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura anual para 2008: Brasil: R\$ 84,00

Exterior: US\$ 84,00 ou correspondente em R\$ (reais)

Números avulsos: R\$ 8,40 ou US\$ 8,40

Conhecer a fundo sua própria época é um pressuposto necessário a todo aquele que aspira exercer nela alguma influência, nela deixar algum traço, oferecer-lhe, numa palavra, algo de esforço pessoal e consciente para seu engrandecimento. Daí que a atitude indispensável para a Igreja, hoje, é o diálogo, seja com a sociedade, seja com as culturas e as religiões. Daí também a persistente necessidade de estar sempre a perscrutar os chamados sinais dos tempos, numa permanente atitude de obediência aos apelos do espírito na história. E não cabe dúvida que a humanidade vive uma época marcada pela carência de utopias e de esperança.

Por isso a celebração da Páscoa de Jesus — momento singular para o qual se volta toda a vida das comunidades cristãs ao longo do ano litúrgico — foi sempre considerada celebração da vida e da esperança, de importância singular na vida do Povo de Deus peregrino.

São Paulo, quando quer caracterizar o cristão, em contraposição àqueles que não o são, define-o como ser humano de esperança. E esse ser humano de esperança é sempre itinerante, está a caminho. Os verbos que em suas cartas caracterizam a vida cristã sobre a terra são verbos de movimento: Na Primeira Carta aos Coríntios, o processo da luta, da ascese cristã está em paralelo com a corrida dos atletas, metáfora que contém a exortação a correr de maneira a alcançar a meta. Aos gálatas escreve: “Corríeis bem”. De si mesmo afirma: “Prossigo em direção ao alvo”. Já próximo da morte, resume sua vida de apóstolo nesta expressão: “Terminei minha carreira”. Aos efésios, o apóstolo exorta-os

a caminhar de um modo digno de sua vocação; a andar como filhos da luz, cujos frutos são bondade, justiça e verdade, resumindo nessas três atitudes a imagem do cristão perfeito.

A esperança paulina está estreitamente associada à Páscoa de Cristo: Se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa fé. Cristo morto e ressuscitado é nossa esperança. O Cristo ao qual se incorpora o cristão no batismo é o Cristo morto e ressuscitado, o Cristo glorioso, o precursor que nos arrasta em seu movimento, em seu êxodo. Daí o caráter dinâmico dessa incorporação, que faz o cristão participar da passagem de Cristo, isto é, do seu mistério pascal. Segundo o pensamento do apóstolo, o cristão incorporado a Cristo morreu e ressuscitou com Cristo, nele subiu aos céus, onde está sentado à direita de Deus. O caminho do cristão para Deus passa por Cristo, realiza-se em Cristo. Cristo é, pois, nossa passagem, nossa Páscoa, e só nele o cristão pode realizar o seu êxodo. Em Cristo, seu êxodo já é posse e antecipação, porque o Cristo ressuscitado comunica-lhe abundantemente seu Espírito, que é penhor da herança futura e primícias da glória vindoura.

A esperança paulina abrange, assim, em toda a sua amplitude, o desígnio salvífico de Deus. Por isso o objeto da esperança que ele anuncia tem, em alguns textos, dimensões cósmicas. É certo que, quando Paulo fala de dimensão cósmica, pensa antes de tudo no ser humano, mas, algumas vezes, seu horizonte se alarga e o apóstolo contempla a criação inteira, que geme e que sofre dores de parto à espera de sua libertação.

Esse caráter cristológico da esperança cristã inspira-se antes de tudo na obra redentora de Cristo: sua morte e ressurreição, primícias da nossa. É o Cristo glorioso que nos comunica o Espírito, cuja posse é um começo do que será depois. Possuindo o Espírito, estamos seguros de alcançar a meta da plena glorificação, por que ele nos dá testemunho de que, se pertencemos a Cristo, com ele seremos glorificados. Por isso é profética a esperança que o apóstolo anuncia.

Jon Sobrino costuma contar que, quando foi perguntado a uma agente da pastoral de uma comunidade de base de El Salvador, bastante castigada pela repressão, o que estavam fazendo enquanto Igreja, teve como resposta, simplesmente, “manter a esperança dos que sofrem e, para isso, lemos os profetas e a Paixão de Jesus. Assim esperamos a ressurreição”. E o grande teólogo comenta: a ressurreição de Jesus aponta para um futuro absoluto, mas aponta também para o presente histórico.

Jesus é, já agora, Senhor, e aqueles que crêem são já agora os seres humanos novos. A ressurreição de Jesus não nos separa da história, mas nos introduz nela de uma maneira nova. O caminho para o ser humano novo não é outro senão o caminho de Jesus para a ressurreição, e esse caminho passa pelos crucificados da história. A partir dos crucificados da história, sem pactuar com suas cruzes, é de onde é preciso anunciar a ressurreição de Jesus.

É precisamente dessa esperança, que tem raízes no anúncio de Paulo e passa pelos crucificados da história, que o mundo de hoje precisa e da qual a Vida Religiosa está chamada a dar testemunho na sociedade. Essa é a esperança que o apóstolo afirma que “não confunde”.

★ ★ ★

Este Editorial reproduz as últimas palavras escritas por irmã Carmelita de Freitas, que, por tanto tempo, foi responsável, em nome da Vida Religiosa do Brasil, por esta revista.

Irmã Carmelita deixou-nos ao morrer. Ressuscitada com Cristo, sua presença entre nós será, doravante, marcada pelo testemunho que nos deixa. Sua vida sinalizou-nos amor, dedicação e fidelidade.

Obrigada(o), irmã Carmelita! Interceda por nós!

Memória de Irmã Carmelita (1933-2008)

Na sexta-feira, dia 8 de fevereiro de 2008, partiu para a Casa do Pai nossa querida Irmã Maria Carmelita de Freitas. Seus funerais tiveram lugar em Belo Horizonte, na tarde do dia seguinte, com a presença de familiares, co-irmãs de Congregação e muitos(as) amigos(as) e colegas do mundo acadêmico.

Irmã Maria Carmelita nasceu no dia 1º de maio de 1933, em Pitangui-MG, filha do senhor Vicente de Paulo Freitas e de dona Amélia Cicilio de Freitas. Ingressou como postulante na Congregação das Filhas de Jesus em 8 de janeiro de 1952. Começou seu noviciado no dia 30 de julho daquele ano. Emitiu seus primeiros votos religiosos na festa de Santo Inácio de Loyola, em 31 de julho de 1954, e cinco anos mais tarde, na comemoração do mesmo santo, pronunciou seus votos perpétuos.

De 1955 a 1959 cursou Letras anglo-germânicas na Pontifícia Universidade Católica de Campinas. De 1963 a 1968 — em plena época do Concílio Vaticano II — esteve em Roma, onde estudou no Instituto Regina Mundi, obtendo o mestrado em Teologia com a dissertação *Dialética e dinamismo da esperança cristã*. Seu doutorado em Teologia data de 1995, quando defendeu, no Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus (CES), em Belo Horizonte, a tese *Uma opção renovadora: o planejamento pastoral da Igreja no Brasil. Estudo genético-interpretativo*, publicada em livro, em 1997, pela Loyola.

Irmã Carmelita trabalhou como docente de Teologia no Instituto Central de Filosofia e Teologia, em Belo Hori-

zonte (1969-1970), e na Universidade Santa Úrsula, no Rio de Janeiro (1980-1983), com alguns cursos breves em Roma, durante sua nova permanência na Cidade Eterna (1971-1977). Foi professora de Teologia no Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA) (1988-2007) e no CES, hoje Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), ambos em Belo Horizonte. Nesses dois últimos institutos ocupou também importantes cargos de coordenação.

Irmã Carmelita foi co-fundadora do Centro de Estudos Filosóficos e Teológicos dos Religiosos do ISTA. Participou da reunião de fundação em 19 de outubro de 1987 e integrou a equipe preparatória do novo Instituto. Nos primeiros tempos do ISTA, exerceu o cargo de vice-diretora. Sempre esteve muito ligada a esse Centro de Formação para Religiosos e Religiosas e o considerava como sua meninados-olhos. Acompanhou de perto os altos e baixos do Instituto, tendo exercido, nos últimos tempos, função de vice-diretora acadêmica.

Sua produção científica consta, principalmente, de artigos em periódicos, principalmente na revista mensal *Convergência*, da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), totalizando (até 2005) 65 contribuições. Suas duas dissertações foram publicadas em livro, respectivamente em 1969 (286p.) e 1997 (471p.). Colaborou, ainda, com capítulos de sua autoria em livros de terceiros (15 títulos).

Muito mais importante do que cargos e publicações foi a pessoa de Carmelita, como nós a conhecemos. Antes de tudo, era uma *mulher* muito consciente de seu *ser-feminino*. Nela se reuniam qualidades que garantiam a maturidade e o equilíbrio de sua pessoa: a *firmeza* e a *sensibilidade*; a *decisão* e a *compreensão*. No decurso dos anos, a integração desses elementos forjou sua forte personalidade, respeitada e estimada. Carmelita era muito exigente para consigo mesma e para com os colegas e estudantes. Não cedia facilmente quando se tratava da seriedade do curso superior ou da qualidade do ensino acadêmico. Ao mesmo tempo, mostrava-se surpreendentemente compreensiva para com a pessoa do(a) colega ou estudante, levando em consideração — com fina

sensibilidade — sua situação particular. Colocava-se, simplesmente, a serviço, e quantos de nós não podemos testemunhar a ajuda gratuita e totalmente desinteressada que dela recebemos em circunstâncias várias?

O que chamava nossa atenção na pessoa de Irmã Carmelita era seu grande amor à Vida Religiosa. Sendo bastante crítica no que diz respeito às estruturas — na sua opinião, muitas vezes inadequadas e hoje questionáveis —, acreditava profundamente na consagração específica de seguimento de Jesus e de serviço ao Reino, não poupando esforços para demonstrar tal convicção em seus cursos, aulas, palestras e publicações. Quando observamos os títulos de seus numerosos artigos na revista *Convergência*, verificamos com facilidade a veracidade dessa afirmação. Nesse contexto situa-se também sua afeição ao ISTA, exatamente como centro de formação para jovens religiosos(as). Lutou sempre pela identidade do Instituto, que deveria ser — no seu parecer inequívoco — um amplo espaço de reflexão e formação para a Vida Religiosa, não podendo limitar-se a ser uma escola de preparação para o ministério presbiteral.

Faltam ainda, nesta simples Memória, maiores informações sobre a atuação de Carmelita no âmbito da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), especificamente no Instituto Nacional de Pastoral (INP); da Confederação Latino-Americana dos Religiosos (CLAR); da Equipe de Reflexão Teológica da CRB-Nacional; da coordenação das revistas *Convergência*, da CRB, e *Horizonte Teológico*, do ISTA; da sua função de coordenadora na pós-graduação da FAJE, e, finalmente, da diretoria da Soter (Sociedade de Teologia e Ciências da Religião). Pessoas que trabalharam mais diretamente com Carmelita nesses diversos setores terão, sem dúvida, melhores condições para avaliar a sua contribuição em cargos tão diversificados.

Acompanhei pessoalmente todo o processo da enfermidade de Carmelita ao longo do segundo semestre de 2007. Pouco antes de se revelarem os sintomas inconfundíveis de um câncer incurável, tinha dedicado meu livro *Igreja: povo a caminho* a ela. O texto da dedicatória é significativo e dá um

bom resumo da riqueza de sua personalidade (naquelas alturas nada sabíamos sobre a grave doença que seria detectada apenas um mês depois):

À Irmã Maria Carmelita de Freitas, fi,
presença feminina no mundo da teologia,
que, com competência profissional,
apurada sensibilidade
e amizade fiel,
faz de seu ministério acadêmico
um qualificado serviço à Igreja
e à Vida Religiosa consagrada nela,
com gratidão e admiração.

Durante os seis meses de sua doença, Carmelita amadureceu na sua entrega à vontade de Deus. Na linha da espiritualidade inaciana, fez um comovente discernimento de sua real situação, colocando sua vida inteiramente e sem reservas nas mãos do Pai. Nas nossas freqüentes conversas, revelou uma atitude de fé que muito me impressionou. Seu conhecimento teológico, então, se revestia da mais pura espiritualidade de confiante abandono aos desígnios de Deus. Morreu na serenidade cristã de ter cumprido sua missão e de estar pronta para o encontro com Aquele que foi o verdadeiro sentido de sua vida e de sua consagração religiosa.

Carmelita, que o bom Pai retribua o bem que você abundantemente semeou nos 74 anos de sua vida, 56 deles como religiosa da Congregação das Filhas de Jesus, e especialmente nos 21 anos em que trabalhou no Centro de Estudos Filosóficos e Teológicos dos Religiosos do ISTA.

FRATER HENRIQUE CRISTIANO JOSÉ MATOS, CMM

Texto do *e-mail* da Irmã Maria Carmelita de Freitas, fi, enviado ao Frater Henrique, no sábado, dia 29 de dezembro de 2007:

“Querido Henrique. Recebi seu cartão [de Natal e Ano Novo] e me emocionei com tanta bondade. Certamente os anos fizeram crescer também em mim a admiração e o afeto por você, pela sua dedicação ao Reino e à causa da formação da VR em nível nacional e internacional. Sim, construímos muitas coisas juntos e hoje os frutos não faltam. Quanto à apreciação que você faz de minha pessoa, ela é fruto da generosidade de seu coração e de sua enorme misericórdia. Sou-lhe imensamente agradecida por tanta bondade. Foi uma grande honra para mim ter seu último livro dedicado a minha humilde pessoa. São atitudes que calam fundo no nosso coração. Você tem pela frente um caminho muito cheio de possibilidades e esperanças e Deus conduz seus dias. **Quanto a mim, sinto-me totalmente em abandono ... em suas mãos de Pai, na certeza de que Ele me ampara e me conduzirá a bom termo.** Conto com a força da sua oração de irmão. Que 2008 seja um ano de bênçãos. E que a história do *nosso* ISTA tenha o melhor encaminhamento possível. Um grande abraço. Ir. Carmelita”.

Mensagem de Sua Santidade Bento XVI para o 45º Dia Mundial de Oração pelas Vocações

13 de abril de 2008
IV Domingo da Páscoa

PALAVRA DO PAPA

Caros irmãos e irmãs!

1. Em vista do Dia Mundial de Orações pelas Vocações, que será celebrado em 13 de abril de 2008, escolhi este tema: As vocações a serviço da Igreja – Missão. Aos apóstolos Jesus ressuscitado confiou o mandato: “Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações, e batizai-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28,19), assegurando: “Eis que estarei convosco todos os dias, até o fim do mundo” (Mt 28,20). A Igreja é missionária no seu conjunto e em cada um dos seus membros. Se pela força dos sacramentos do Batismo e da Confirmação cada cristão é chamado a testemunhar e a anunciar o Evangelho, a dimensão missionária é especial e intimamente ligada à vocação sacerdotal.

Na aliança com Israel, Deus confiou a homens pré-escolhidos, chamados por ele e enviados ao povo no seu nome, a missão de serem profetas e sacerdotes. Assim fez, por exemplo, com Moisés: “E agora, vai! — lhe disse Javé. — Eu te mando ao faraó. Faz sair do Egito o meu povo [...] quando tiveres tirado do Egito o povo, vós servireis a Deus sobre esta montanha” (Ex 3,10.12). Igualmente acontece com os profetas.

2. As promessas feitas aos pais se realizaram plenamente em Jesus Cristo. Afirma a propósito o Concílio Vaticano II: “Veio, pois, o Filho, enviado pelo Pai, que ainda antes da criação do mundo nos escolheu nele e nele nos predestinou à filiação adotiva. [...] E Cristo, para cumprir a vontade do Pai, inaugurou na terra o Reino dos Céus, cujo mistério nos revelou; e pela sua obediência operou a redenção”.¹

Jesus escolheu os discípulos como seus colaboradores no ministério messiânico já na vida pública, durante a pregação

1. Constituição dogmática *Lumen gentium*, n. 3.

na Galiléia. Por exemplo, na multiplicação dos pães, quando disse aos apóstolos: “Dai-Ihes vós mesmos de comer” (Mt 14,16), estimulando-os a assumir o peso das necessidades das multidões, às quais queria oferecer o alimento para saciar-Ihes a fome, mas também revelar o alimento “que dura para a vida eterna” (Jo 6,27). Era cheio de compaixão diante do povo, porque, percorrendo as cidades e aldeias, encontrava multidões cansadas e abatidas, “como ovelhas sem pastor” (Mt 9,36). Do seu olhar de amor nascia o seu convite aos discípulos: “Pedi ao Senhor da messe que mande operários para sua messe” (Mt 9,38), e enviou os Doze, primeiro “às ovelhas perdidas da casa de Israel”, com precisas instruções.

Se nos permitirmos parar e meditar essa página do evangelho de Mateus, que é chamado comumente de “discurso missionário”, observamos todos aqueles aspectos que caracterizam a atividade missionária de uma comunidade cristã que deseja ser fiel ao modo e ao ensinamento de Jesus. Corresponder ao chamado do Senhor comporta afrontar com prudência e simplicidade cada perigo e até mesmo as perseguições, pois “um discípulo não é mais que seu mestre, nem um servo mais que o seu patrão” (Mt 10,24). Sendo uma só coisa com o Mestre, os discípulos não estão sozinhos ao anunciar o Reino dos Céus, mas é o mesmo Jesus que age neles: “Quem vos acolhe, a mim acolhe; e quem me acolhe, acolhe aquele que me enviou” (Mt 10,40). Além disso, como verdadeiras testemunhas, “revestidos da potência do alto” (Lc 24,49), pregam “a conversão e o perdão dos pecados” (Lc 24,47) a todos os povos.

3. Porque enviados pelo Senhor, os Doze receberam o nome de “apóstolos”, chamados a percorrer os caminhos do mundo anunciando o Evangelho, como testemunhas da morte e ressurreição de Cristo. Escreve São Paulo aos cristãos de Corinto: “Nós — isto é, os apóstolos — anunciamos Cristo crucificado” (1Cor 1,23). O livro dos Atos dos Apóstolos também considera muito importante, nesse processo de evangelização, o papel dos outros discípulos, cuja vocação missionária surge através de circunstâncias providenciais, às vezes dolorosas, como a expulsão da própria

terra enquanto seguidores de Jesus (cf. 8,1-4). O Espírito Santo permite transformar essa prova em ocasião de graça, fazendo com que o nome do Senhor seja anunciado a outros povos, crescendo de tal modo o círculo da comunidade cristã. São homens e mulheres que, como escreve Lucas no livro dos Atos, “arriscaram a vida pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo” (15,26).

O primeiro dentre todos, chamado pelo Senhor mesmo para ser um verdadeiro apóstolo, é, sem dúvida, Paulo de Tarso. A história de Paulo, o grande missionário de todos os tempos, faz notar, em muitos aspectos, qual seja o nexo entre vocação e missão. Acusado pelos seus adversários de não ter sido autorizado para o apostolado, ele mesmo, repetidas vezes, apela ao chamado recebido diretamente do Senhor.²

4. No início, e logo após, foi sempre “o amor de Cristo” que impeliu os apóstolos (cf. 2Cor 5,14). Como fiéis servidores da Igreja, dóceis à ação do Espírito Santo, muitos missionários, ao longo dos séculos, seguiram as pegadas dos primeiros discípulos. Observa o Concílio Vaticano II: “Embora todo discípulo de Cristo incumba-se da obrigação de difundir a fé conforme as suas possibilidades, Cristo Senhor chama sempre dentre os discípulos os que ele quer para estar com ele e os enviar a evangelizar os povos (cf. Mc 3,13-15)”.³ De fato, o amor de Cristo foi comunicado aos irmãos com exemplos e palavras; com toda a vida. “A vocação especial dos missionários *ad vitam* — escreveu o meu venerável predecessor João Paulo II — conserva toda a sua validade: representa o paradigma do compromisso missionário da Igreja, que sempre tem necessidade de doações radicais e totais, de impulsos novos e corajosos”.⁴

5. Dentre as pessoas que se dedicam totalmente ao serviço do Evangelho estão, de modo particular, muitos sacerdotes chamados a levar a Palavra de Deus, administrar os sacramentos, especialmente a Eucaristia e a Reconciliação, dedicados ao serviço dos mais pequenos, dos doentes, dos sofredores, dos pobres e de tantos que atravessam momentos difíceis, em regiões da terra onde multidões ainda hoje não tiveram um verdadeiro encontro com Cristo. Para es-

2. Cf. Rm 1,1; Gl 1,11-12.15-17.

3. Decreto
Ad gentes, n. 23

4. Encíclica
Redemptoris missio,
n. 66

tes, os missionários levam o primeiro anúncio do seu amor redentor. As estatísticas testemunham que o número dos batizados aumenta cada ano, graças à ação pastoral desses sacerdotes, inteiramente consagrados à salvação dos irmãos. Nesse contexto, seja dado um especial reconhecimento aos presbíteros *fidei donum*, que edificam a comunidade, com competência e generosa dedicação, anunciando-lhe a Palavra de Deus e repartindo o pão da vida, sem pouparem as suas energias ao serviço da missão da Igreja.

Por fim, é preciso agradecer a Deus pelos numerosos sacerdotes que tiveram de sofrer “até o sacrifício da vida por servir a Cristo [...]”. São comoventes testemunhos que poderão inspirar muitos jovens a seguir, por sua vez, a Cristo e gastar sua vida pelos outros, encontrando precisamente assim a vida verdadeira”.⁵ Então, por meio de seus sacerdotes, Jesus se faz presente entre os homens de hoje, até os confins mais distantes da terra.

6. Desde sempre, na Igreja, não são poucos os homens e as mulheres que, movidos pela ação do Espírito Santo, escolheram viver o Evangelho de modo radical, professando os votos de castidade, pobreza e obediência. Essa multidão de religiosos e religiosas faz parte de inumeráveis institutos de vida contemplativa e ativa, tem “até agora uma parte importantíssima na evangelização do mundo”.⁶ Com a oração contínua e comunitária, os religiosos de vida contemplativa intercedem incessantemente pela humanidade inteira; aqueles de vida ativa, com suas múltiplas formas de ação caritativa, levam a todos o testemunho vivo do amor e da misericórdia de Deus. Diante desses apóstolos do nosso tempo, o servo de Deus, Paulo VI, disse: “Graças à sua consagração religiosa, eles são por excelência voluntários e livres para deixar tudo e ir anunciar o Evangelho até as extremidades da terra. Eles são empreendedores, e o seu apostolado é muitas vezes marcado por uma originalidade e por uma feição própria, que lhes granjeiam por força admiração. Depois, eles são generosos: encontram-se com frequência nos postos de vanguarda da missão e a arrostar com os maiores perigos para a sua saúde e para a sua própria vida. Sim, verdadeiramente, a Igreja deve-lhes muito”.⁷

5. Exortação apostólica *Sacramentum caritatis*, n. 26

6. Decreto *Ad gentes*, n. 40

7. Exortação apostólica *Evangelii nuntiandi*, n. 69

7. Além disso, para que a Igreja possa continuar a missão confiada por Cristo e não faltem os evangelizadores, dos quais o mundo tem necessidade, será oportuno que nas comunidades cristãs, não seja nunca de menos, haja uma constante educação da fé às crianças e aos jovens e adultos; é necessário manter vivo nos fiéis um ativo sentido de responsabilidade missionária e de participação solidária com os povos da terra. O dom da fé chama todos os cristãos a cooperarem na evangelização. Essa consciência seja alimentada através da pregação e da catequese, na liturgia e numa constante formação à oração; seja incrementada com o exercício da acolhida, da caridade, do acompanhamento espiritual, da reflexão e do discernimento, como também com a elaboração de um projeto pastoral, dando atenção às vocações.

8. Somente um terreno espiritualmente bem cultivado faz florescer as vocações ao sacerdócio ministerial e à Vida Consagrada. De fato, as comunidades cristãs que vivem intensamente a dimensão missionária do mistério da Igreja nunca serão conduzidas a fechar-se em si mesmas. A missão, como testemunho do amor divino, se torna particularmente eficaz quando é partilhada comunitariamente, “para que o mundo creia” (Jo 17,21). A graça das vocações é o dom que a Igreja invoca cada dia ao Espírito Santo. Como nos seus inícios, recolhida junto à Virgem Maria, Rainha dos Apóstolos, a comunidade eclesial aprende com ela a implorar do Senhor o florescimento de novos apóstolos que saibam viver com aquela fé e com aquele amor, necessários para a missão.

9. No momento, confiando esta reflexão a todas as comunidades eclesiais, para que elas a façam sua, sobretudo suscitando motivos de oração, encorajo o empenho de todos os que trabalham com fé e generosidade a serviço das vocações, e de coração envio aos formadores, aos catequistas e a todos, especialmente aos jovens no caminho vocacional, uma especial bênção apostólica.

Vaticano, 3 de dezembro de 2007

BENTO XVI

PROFORMAR Programa de Formação para Assessoras(es) Regionais

Realizou-se, de 7 a 10 de fevereiro, em Araruama-RJ, o primeiro encontro PROFORMAR – Programa de Formação para Assessoras(es) das Regionais da CRB, no triênio 2007-2010.

Participaram do encontro 38 pessoas, compreendendo presidência, membros da diretoria nacional, assessoria executiva nacional e assessoras e assessores das vinte regionais.

A presidente nacional, irmã Márian Ambrosio, dp, fez a abertura dos trabalhos direcionando a motivação que leva as assessorias a doarem-se nas Regionais, sob os *horizontes* traçados pela XXI Assembléia da CRB:

Em meio às profundas transformações e grandes desafios que envolvem a humanidade hoje, ouvimos a Palavra de Deus que nos impele: avancem! (Ex 14,15). Acolhemos esta Palavra como discípulas e discípulos de Jesus Cristo, na mística da encarnação e no testemunho profético a serviço da vida, especialmente a dos pobres e excluídos, partilhando com espírito missionário as razões de nossa esperança.

Irmã Márian comentou o significado da tela pintada pelo irmão Anderson Augusto, msc, que nos apresenta, de forma simples mas contundente, o horizonte da história rasgado pela presença iluminadora de Jesus Cristo, que, pela cruz, mergulha na realidade humana, tingindo-a com sangue. Este, à medida que adentra a humanidade, torna-se outra vez transparente pela ação e missão dos que a Jesus Cristo se consagram e com ele colaboram na realização do projeto do Pai: implantar o seu Reino no mundo.

Depois de comentar, também, sobre as prioridades definidas pela XXI Assembléia da CRB, a presidente da CRB Nacional parabenizou assessores e assessoras pela missão que desempenham.

Na continuidade dos trabalhos, irmão Paulo Petry, fsc, expôs algumas dinâmicas de neurolingüística, o que foi muito proveitoso para todos(as).

Ponto forte do encontro foram as apresentações das diversas Regionais, cada uma colocando as atividades que desenvolve, e como se organiza em núcleos. Todos os participantes puderam usufruir da riqueza de visualizar uma panorâmica de como está a Vida Religiosa Consagrada no Brasil. Muitos desafios, muitos conflitos, mas também muitas esperanças e desejos de promover a vida e a justiça defendidas por Jesus em sua vida terrena.

Por fim, os membros da assessoria executiva nacional apresentaram os projetos desenvolvidos por cada instância, incentivando os representantes das Regionais a divulgar e envolver religiosos e religiosas de todo o Brasil, enviando propostas e contribuindo com a realização do que está programado.

Concluindo, houve um belo momento de bênção do envio, no qual os membros da diretoria nacional se distribuíram nos grupos das cinco regiões para ungir e enviar assessores e assessoras à missão que se abre em mais este triênio da Vida Religiosa Consagrada do Brasil.

A Assessoria Executiva Nacional (AEN) é uma instância a serviço da efetivação dos objetivos e finalidades da Conferência dos(as) Religiosos(as) do Brasil. Faz articulação e representação dentro da esfera que lhe é própria, estabelecendo os elos de comunicação que favoreçam a realização da missão que lhe é confiada.

É constituída por religiosas e religiosos que trabalham em caráter permanente na sede nacional da Conferência, escolhidas e escolhidos pela diretoria nacional.

Quando a AEN se reúne com a(o) sua(seu) presidente, então recebe a denominação de Coordenação Executiva Nacional (CEN). É sobre a reunião que aconteceu no dia 4 de fevereiro passado, em plena segunda-feira de carnaval, na casa provincial das Irmãs da Imaculada Conceição de Nossa Senhora de Lourdes, em Botafogo-RJ, que queremos socializar alguns detalhes.

Em primeiro lugar, o grupo era praticamente composto de novos membros, visto que, com a eleição de nova diretoria, os membros da AEN deixam seus serviços de referência disponíveis para o intercâmbio com novos membros e novas famílias religiosas. Assim sendo, reunimo-nos para conhecer-nos melhor, partilhar nossas origens, trajetória missionária, carismas institucionais, preocupações e esperanças com o novo que nos aguarda. Enfim, para rezar nossas vidas feitas disponibilidade para a jornada que se inicia.

Na área aberta do quinto andar da casa e aos pés do Cristo Redentor, tendo como pano de fundo a comunidade do

Morro Dona Marta e a imensa estepe verde da Mata Atlântica esparramada nas montanhas, um ambiente orante adornado de pequenas pedras de cores variadas trazidas por irmã Márian Ambrosio, presidente da CRB Nacional: à medida que nos apresentávamos e nos identificávamos com os matices da mesma, a pedra escolhida ficava conosco como sinal de solidez e compromisso com as belezas e as pobreza existenciais do novo discipulado e da nova missão no que diz respeito à organização, à orientação, ao acompanhamento e à avaliação dos programas propostos no âmbito nacional.

Tivemos também, para aquele dia, o compromisso de revisar o que havíamos articulado e preparado para o Projeto de Formação para Assessoras(es) Regionais – PROFORMAR, que aconteceria nos próximos dias em Araruama-RJ. Assim como o que viria a acontecer no mês de março: o CONFIAR, as assembléias e o seminário interdisciplinar.

Versamos sobre Ex 14,15 —“Avancem” — e sobre o ícone do triênio 2007-2010 — *gota d'água, lançada em movimento e tornando-se força geradora de energia e vitalidade*.

O tempo passou rápido! O dia chegou ao fim!

Concluimos com a grande oração do Mestre Jesus, que nos ensina a amar, a perdoar e a militar para que se apressure o pão na mesa da humanidade.

Vivenciamos e concluimos o dia na certeza de que o Deus da vida, que é providente-eucarístico-salvador-zeloso-trinitário, e a grande Mãe Maria caminham conosco e são os impulsionadores da nossa missão.

“Escolhe, pois, a vida”: fraternidade e defesa da vida. CF 2008

CARLOS MESTERS, OCARM*

O texto bíblico

O texto bíblico escolhido como lema para a Campanha da Fraternidade deste ano de 2008 foi tirado do livro do Deuteronômio. Eis o texto dentro do seu contexto:

Vê, hoje eu estou colocando diante de ti a vida e a felicidade, a morte e a desgraça. Se obedeceres aos mandamentos de Javé teu Deus, que hoje te ordeno, amando a Javé teu Deus, andando em seus caminhos e observando os seus mandamentos, estatutos e normas, tu viverás e te multiplicarás. Javé teu Deus te abençoará na terra onde estás entrando para tomar posse dela. Todavia, se o teu coração se desviar e tu não obedeceres, se te deixares seduzir e adorar e servir a outros deuses, eu hoje te declaro: é certo que vós perecereis! Não prolongareis vossos dias sobre a terra, onde estais entrando, ao atravessar o Jordão, para dela tomar posse. Hoje eu tomo o céu e a terra como testemunhas contra vós: eu te propus a vida ou a morte, a bênção ou a maldição. *Escolhe, pois, a vida*, para que tu e teus descendentes possais viver, amando a Javé seu Deus, obedecendo-lhe e apegando-se a ele, porque ele é a tua vida e o prolongamento de teus dias. Desse modo tu poderás habitar sobre a terra que Javé jurou dar a teus antepassados Abraão, Isaac e Jacó.

(Dt 30,15-20)

* **Frei Carlos Mesters** é teólogo, doutor em Sagrada Escritura. Autor de vários livros. **Endereço do autor:** Convento do Carmo, Rua Martiniano de Carvalho, 114, Bela Vista, cep 01321-000, São Paulo-SP. E-mail: cmesters@ocarm.org.

A frase *Escolhe, pois, a vida* é do último discurso de Moisés ao povo antes de atravessar o rio Jordão para tomar posse da terra prometida. Deus colocou diante do povo duas alternativas: vida ou morte, felicidade ou desgraça, bênção ou maldição, posse da terra ou perda da terra, prolongar os dias

ou morte prematura. É como se dissesse: “Vai depender de vocês, da escolha que fizerem! Escolham, pois, a vida!”.

Como o povo diante de Moisés, assim nós, nesta Campanha da Fraternidade de 2008, estamos sendo convidados a escolher entre as mesmas duas alternativas: vida ou morte, bênção ou maldição. O lema foi enriquecido com o tema “Fraternidade e defesa da vida”. Tema bonito e provocador!

Moisés esclareceu a escolha da vida com esta motivação: “Escolhe, pois, a vida, para que tu e teus descendentes possas viver, amando a Javé seu Deus, obedecendo-lhe e apegando-se a ele, porque ele é a tua vida e o prolongamento de teus dias”. Deus, ele mesmo, é a nossa vida, o prolongamento dos nossos dias.

A tragédia é que tudo aconteceu ao contrário. Em vez da bênção, veio a maldição; em vez da vida, veio a morte; em vez da felicidade, veio a desgraça; em vez da posse da terra, veio o cativeiro na Babilônia, que durou cinquenta anos, de 587 a 538 a.C., e mudou por completo o rumo da história do Povo de Deus.

Tudo isso foi escrito na Bíblia para a nossa instrução, para que não erremos onde eles erraram (1Cor 10,6-11). Por isso, vamos olhar de perto essa história para tirar uma lição e saber (1) como escolher a vida e (2) em que direção.

Várias escolhas, feitas no passado e no presente

Escolhe, pois, a vida!

- Os macabeus, atacados em dia de sábado, escolheram a vida deixando-se matar.

Não queriam transgredir a lei do sábado (1Mc 2,33-38). Depois, refletindo melhor, acharam que deviam escolher a vida transgredindo o sábado. Para defender-se da morte, escolheram a vida de outro modo (1Mc 2,39-41). Tragicamente, essa escolha os levou a matar milhares de inimigos (2Mc 12,15-16.19.23.26.28). Mas a mãe dos macabeus e

seus sete filhos, para não transgredir a lei de Deus, escolheram a vida aceitando ser martirizados até a morte pela mão assassina do rei Antíoco (2Mc 7,1-41).

Escolhe, pois, a vida!

Ester arriscou a própria vida até a morte para poder garantir a vida para o seu povo. Conseguiu evitar a morte do povo, mas o preço pago foi a morte de 75 mil.

- Inimigos do povo (Est 9,16).

Escolhe, pois, a vida!

O profeta Elias mandou o povo escolher entre Baal e Javé, entre a morte e a vida.

- O povo escolheu a vida, e Elias matou os 450 profetas de Baal (1Rs 18,19.40).

Escolhe, pois, a vida!

Bush escolheu a vida do povo americano matando milhares de pessoas no Iraque, e foi reeleito presidente. Na reeleição, muitos não votaram em Kerry por este ser a favor do aborto. Eles escolheram a vida, votando em Bush, que se dizia contrário ao aborto, mas que, com suas guerras, parecia ser a favor do aborto da humanidade.

Escolhe, pois, a vida!

Dom Luís Cappio escolheu a vida do povo pobre e excluído do sertão e começou um jejum até a morte.

Escolhe, pois, a vida!

Dizia um ex-drogado de Curitiba:

Fui criado na religião católica. Deixei de participar. Meus pais eram muito praticantes e queriam que nós, os filhos, fôssemos como eles. A gente era obrigada a ir à igreja sempre, todos os domingos e festas. E quando não ia, eles diziam: "Deus castigal!". Eu ia a contragosto, e quando fiquei adulto, fui deixando

aos poucos. Eu não gostava do Deus dos meus pais. Não conseguia entender como é que Deus, criador do mundo, ficava em cima de mim, menino da roça, ameaçando com castigo, inferno e morte. Eu gostava mais do Deus do meu tio, que não pisava na igreja, mas que, todos os dias, sem falta, comprava o dobro de pão, de que ele mesmo precisava, para dar para os pobres!

O ex-drogado escolheu a vida deixando a Igreja.

Escolhe, pois, a vida!

Na Argentina, um padre brasileiro dizia ao povo na hora do sermão: “Se a mãe de vocês vier a morrer e vocês souberem que ela está no inferno, vocês ficarão tristes ou alegres?”. Todos responderam: “É claro, padre. Ficaremos muito tristes!”. E o padre respondeu com força: “Não! Vocês deviam ficar alegres, porque Deus fez justiça!”. O padre escolheu a vida mandando a mãe para o inferno.

Na raiz da escolha está uma imagem de Deus que influi na escolha

Há muitas maneiras de se escolher a vida, mas nem todas resultam em vida. Como escolher a vida de tal maneira que se tome vida em abundância para todos e não só para alguns? O ex-drogado escolheu a vida abandonando o deus de seus pais e escolhendo o deus do tio. Bush escolheu a vida porque quis defender a civilização cristã ocidental. Sua escolha trouxe a morte para muitos. Os europeus que vieram para as Américas no século XVI mandaram os povos escolher a vida, obrigando-os a tornar-se católicos. Muitos dos que recusaram o Batismo foram mortos. O padre manda que eu fique alegre no momento em que sou informado de que minha falecida mãe está no inferno. A inquisição escolheu a vida matando muitos hereges na fogueira.

Qual o Deus dos pais do ex-drogado de Curitiba? Qual o Deus do tio dele? Qual o Deus do padre brasileiro na Argentina? Qual o Deus de Bush? Qual a imagem de Deus em Ester, em Judite, nos macabeus, no profeta Elias, em Paulo,

em Moisés, que fez o convite no livro do Deuteronômio? Qual o Deus em dom Luís Cappio? Qual o Deus dos invasores das Américas no século XVI? Qual a imagem de Deus em nós, que estamos sendo convidados a escolher a vida nesta Campanha da Fraternidade?

As duas alternativas: bênção e maldição

Moisés mandou o povo escolher a vida. Ele tinha enumerado as bênçãos e as maldições: 14 versículos para descrever as bênçãos (Dt 28,1-14), 52 versículos para as maldições (Dt 28,16-68). Eis uma amostra de algumas maldições para se ter uma idéia da ameaça que pairava sobre o povo caso não obedecesse à voz de Deus:

¹⁶ Você será maldito na cidade e maldito também no campo.

¹⁷ Maldito será o seu cesto e a sua amassadeira.

¹⁸ Maldito será o fruto do seu ventre, o fruto da sua terra, a cria de suas vacas e a prole de suas ovelhas.

¹⁹ Você será maldito ao entrar e maldito também ao sair.

²⁰ Javé mandará contra você a maldição, o pânico e a ameaça em tudo o que você fizer, até que seja exterminado e pereça rapidamente por causa da maldade de suas ações, pelas quais você me abandonou.

²¹ Javé fará que a peste se apegue a você até eliminá-lo da terra em que está entrando para dela tomar posse.

²² Javé ferirá você com tísica e febre, inflamação e delírio, secura, ferrugem e mofo, que o perseguirão até que você pereça.

²³ O céu sobre a sua cabeça ficará como bronze, e a terra sob seus pés ficará como ferro.

²⁴ Javé transformará a chuva em cinza e pó, que cairão sobre você, até que fique em ruínas.

²⁵ Javé entregará você, já vencido, aos seus inimigos: você sairá ao encontro deles por um caminho, e por sete caminhos fugirá. Você se transformará em objeto de espanto para todos os reinos da terra.

²⁶ Seu cadáver será alimento de todas as aves do céu e animais da terra, e ninguém os espantará.

²⁷ Javé ferirá você com úlceras do Egito, com tumores, crostas e sarnas, que você não poderá curar.

²⁸ Javé ferirá você com loucura, cegueira e demência.

E assim continua até o versículo 68!

Lendo o anúncio dessas maldições, dá até medo. As ameaças são tantas que a gente se pergunta: “Que Deus é esse que ameaça o povo com tanta maldição?”. Se uma alternativa desse tipo fosse colocada hoje diante de você, que é que faria? Penso que muitos diriam a Deus: “O Senhor vai-me desculpar, mas desse jeito não posso escolher a vida”, e eles escolheriam uma vida sem Deus, como de fato muita gente está fazendo hoje. Não é que eles são contra Deus. Não! Não são contra Deus. O que eles não aceitam é um Deus que nos ameaça com tanta maldição.

Esse problema é muito sério. Vamos olhar mais de perto a história para ver como as coisas aconteceram e como foi que pôde surgir uma imagem tão ameaçadora de Deus na cabeça daquele povo.

A primeira escolha da vida, feita por ocasião do êxodo

No êxodo, foi concluída a aliança entre Deus e o povo (Ex 19,1–24,11). Deus tinha libertado o povo do Egito e disse:

Vocês viram o que eu fiz aos egípcios e como carreguei vocês sobre asas de águia e os trouxe até mim. Portanto, se me obedecerem e observarem a minha aliança, vocês serão minha propriedade especial entre todos os povos, porque a terra toda pertence a mim. Vocês serão para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa (Ex 19,4–6).

E o povo respondeu: “Faremos tudo o que Javé mandou” (Ex 19,8). Eles escolheram a vida e se comprometeram a observar em tudo os Dez Mandamentos da lei de Deus (Ex 24,3–8). A aspersão do sangue confirmou a escolha feita e a aliança assumida (Ex 24,5–8).

A lei dos Dez Mandamentos não foi dada como uma imposição arbitrária para limitar a liberdade do povo e testar sua obediência, mas sim como um rumo, um caminho a ser percorrido. A própria palavra hebraica Torá, que nós traduzimos por lei, tem o sentido de orientação, rumo, ins-

trução. O objetivo dos Dez Mandamentos é este: Deus nos libertou da casa da escravidão e nos deu a lei para que, pela sua observância, mantenhamos em nós a liberdade que ele nos conquistou e realizemos o projeto de justiça e de fraternidade expresso na lei (Ex 20,1-17).

Mas a experiência foi muito dolorosa. Enganado pela ideologia da monarquia e desviado pela própria fraqueza, o povo não deu conta de observar os Dez Mandamentos. Não realizou o ideal que Deus tinha em mente ao libertá-lo do Egito. Diz o salmo (95,10): "Por quarenta anos aquela geração me desgostou. Então eu disse: 'É um povo de coração transviado que não reconhece os meus caminhos'". Mas por que não deram conta de observar a lei? Qual a causa dessa tragédia que trouxe consigo a quebra da aliança, a perda da liberdade e a desarticulação progressiva da convivência, tanto familiar como social?

O cupim da falsa imagem de Deus que esvaziou por dentro a fé

A maior tentação de nós, seres humanos, é reduzir Deus ao tamanho dos nossos desejos. É achar que Deus existe para nós, e não nós para Deus. Foi o que aconteceu. Não foi por maldade. De tanto ouvir que Deus os escolheu para ser o seu povo eleito, eles se consideravam um povo privilegiado, melhor que os outros povos. Foram, sobretudo, os homens do poder, os reis, que procuravam ter Deus do seu lado para legitimar sua autoridade diante do povo. O rei se apresentava como o eleito de Deus, porta-voz de Deus para o povo. Deus começava a ser visto como um Deus que existia para atender aos pedidos e às necessidades do rei e do povo. Essa visão interesseira é uma falsa imagem de Deus.

Ela é como o cupim que, sem o dono da casa dar-se conta, vai esvaziando por dentro a viga do telhado da casa. Na hora da tempestade, por falta de atenção do dono, a viga não resiste, quebra, e o telhado cai em cima dos moradores. Assim, o cupim da falsa imagem de Deus foi esvaziando a fé por dentro. Fizeram do Deus Javé um ídolo. Em consequên-

cia, perverteu-se o sentido da lei de Deus, desintegrou-se o relacionamento humano, apareceram o empobrecimento e a exploração, e voltou a opressão do faraó. Os profetas alertavam, mas os reis não davam atenção.

A primeira tempestade que revelou o esvaziamento da fé foi a invasão da Assíria no século VIII a.C., que acabou com Israel, o Reino do Norte (2Rs 17,3-6). Judá, o Reino do Sul, ficou preocupado. Se não fizesse logo uma séria reforma, teria o mesmo destino do Reino do Norte. No século seguinte, o rei Josias decretou a reforma e obrigou a todos a observar a lei (2Rs 23,1-28). Tal iniciativa, a que foi dado o nome de “Reforma Deuteronomista”, colocava o povo diante da escolha: bênção ou maldição, vida ou morte. O discurso de Moisés, do qual foi tirada a frase da Campanha da Fraternidade, é dessa época. É o próprio Moisés, autoridade máxima, que convoca o povo para observar a lei e, assim, evitar o desastre. Toda a ênfase era colocada na observância da lei de Deus.

Mas, infelizmente, a observância não foi realizada, e as maldições anunciadas se realizaram. O templo foi destruído. O rei foi morto. A terra foi loteada. Fracassou a aliança! Copo quebrado em mil pedaços não tem conserto! A morte venceu a vida. O povo se sentia amaldiçoado e excluído pelo próprio Deus. “Javé nos abandonou!” (Is 49,14). A maioria largou tudo e adotou a religião do Império. O Deus Marduc da Babilônia foi mais forte que Javé. O cupim da falsa imagem de Deus esvaziou a fé e não deixou nenhuma janela aberta. O tiro saiu pela culatra.

Uma reforma que só insiste na observância e não menciona a misericórdia que acolhe o pecador arrependido corre o perigo de jogar o povo no desespero caso a observância não seja realizada. Foi o que aconteceu! A lei que foi dada para ajudar o povo a conquistar a liberdade e viver a justiça tornou-se, na realidade, o instrumento da sua condenação.

Se dentro do cano da torneira da sua casa existe um veneno, por mais que você, dono da casa, limpe a caixa d'água, a água sai contaminada. Não é assim? Pois bem, a imagem de Deus estava contaminada por dentro. Por isso, por mais

que o moralismo do rei e dos sacerdotes insistisse em melhorar a observância da lei de Deus, a observância já nascia contaminada. Ela, por si, não daria conta de preservar a saúde do povo.

O fracasso total que provocou o desespero: o grande lamento

De fato, a imagem de Deus estava contaminada, envenenada. Veja só que terrível imagem de Deus transparece na terceira lamentação, na qual o autor expressa a dor e o desespero do povo. É um desabafo sem censura. Deus aparece como o culpado de tudo.

¹ Eu sou o homem que conheceu a dor de perto, sob a vara da sua ira.

² Ele [Deus] me conduziu e me fez andar nas trevas e não na luz.

³ Ele volve e revolve contra mim a sua mão, o dia todo.

⁴ Consumiu minha carne e minha pele e quebrou os meus ossos.

⁵ À minha volta, armou um cerco de veneno e amargura.

⁶ Ele me fez morar nas trevas como os que morreram há muito tempo.

⁷ Cercou-me qual muro sem saída e, acorrentado, me prendeu.

⁸ Clamar ou gritar de nada vale, ele está surdo à minha súplica.

⁹ Com pedra cercou a minha estrada, distorceu o meu caminho.

¹⁰ Ele foi para mim como urso de tocaia, um leão de emboscada.

¹¹ Desviou-me do caminho, despedaçou-me e deixou inerte.

¹² Disparou seu arco, fez de mim o alvo de suas flechas.

¹³ Em meus rins ele cravou suas flechas, tiradas de sua aljava.

¹⁴ Eu me tornei uma piada para todos os povos, a gozação de todo dia.

¹⁵ Encheu meu estômago de amargura, embriagou-me de fel.

¹⁶ Fez-me dar com os dentes numa pedra, estendeu-me na poeira.

¹⁷ Fugiu a paz do meu espírito, a felicidade acabou.

¹⁸ Eu digo: "Acabaram-se minhas forças e minha esperança em Javé".

A imagem de Deus que transparece nas entrelinhas desse lamento é a de um carrasco que só quer vingar e machucar. Trágica experiência! Da experiência de um Deus assim não podia nascer nenhuma esperança para o povo sofrido e machucado do cativo. Só podia nascer o contrário: o desespero. O lamento diz: "Fugiu a paz do meu espírito, a

felicidade acabou!” (Lm 3,17), e o versículo 18 descreve o ponto de chegada: “Eu digo: ‘Acabaram-se minhas forças e minha esperança em Javé’”. É a ausência total de esperança. Como limpar a imagem viciada de Deus? Como escolher a vida? Qual a saída?

A redescoberta da promessa, da gratuidade, da esperança

Existe saída? Jeremias responde: “Existe, sim!”. Apesar do desespero geral do cativo, ele diz: “Temos motivo de esperança, pois o sol vai nascer amanhã!”. A certeza do nascer do sol não depende da observância da lei, mas está impressa na lógica da criação. É pura gratuidade, expressão do bem-querer do Deus Criador. É promessa de proteção que não falha. Nossa fraqueza pode levar-nos a romper com Deus, mas Deus não rompe conosco, pois cada manhã, através da seqüência dos dias e das noites, ele nos fala ao coração e diz:

Como é certo que eu criei o dia e a noite e estabeleci as leis do céu e da terra, também é certo que não rejeitarei a descendência de Javé e de meu servo Davi. Quando essas leis falharem diante de mim — oráculo de Javé —, então o povo de Israel também deixará de ser diante de mim uma nação para sempre (Jr 33,25-26; 31,36).

A gratuidade da presença e do amor de Deus está estampada no coração do universo.

Esta nova maneira de olhar a natureza modificou os olhos e abriu um novo horizonte. “Deus nos amou primeiro!”, dirá são João mais tarde (1Jo 4,19). A certeza da presença amorosa de Deus para além do fracasso da observância provocou uma busca renovada dos sinais de Deus na vida que vivemos, na natureza que nos envolve e na história que nos dá identidade. Tudo se tornou sinal da presença gratuita de Deus.

Naqueles primeiros 18 versículos da terceira lamentação, a primeira palavra é *eu*, a última, *Javé*. Javé é o nome que,

desde o início da história do povo, sempre esteve no centro da fé e da aliança. Ora, foi a lembrança quase casual desse nome no fim do v. 18 do lamento que abriu a porta fechada do *eu* e tirou Deus do anonimato. O nome foi como uma janela que, de repente, se abriu e mostrou um rosto amigo e acolhedor que trazia à lembrança todo o passado vivido com Javé ao longo dos séculos. A partir do v. 18, o lamento entra numa curva. Ele começa a lembrar as coisas que Deus fez no passado (Lm 3,18-19). É lembrando o passado que se abre para ele um novo horizonte de esperança.

Lembrar, *re*-cordar significa fazer passar de novo (*re*) pelo coração (*cor*). O povo não foge do confronto com seu passado. A dor, causada pela destruição de Jerusalém e pela desintegração violenta da vida, tem algo a dizer-lhe. Sem medo, ele começa a recordar, a mexer na ferida, pois lá no mais fundo da memória do coração existe algo que o faz ter esperança (Lm 3,21). Por isso agüenta, sem desfalecer. O nome Javé é o fundamento dessa teimosia. Algo começa a renascer, a subir borbulhando do pântano da dor, que vai ajudar a sair do impasse. Surge uma nova leitura da natureza, uma nova experiência de Deus.

Uma nova leitura da natureza e da história

Assim, ao lado das Dez Palavras divinas que estão na origem da aliança, o povo começa a dar maior atenção às palavras divinas que estão na origem das criaturas. Descobre que lá também existem dez palavras. A pessoa que, naquela mesma época, fez a redação definitiva da narrativa da criação (Gn 1,1-2,43) teve a preocupação de descrever a ação criadora de Deus por meio de exatamente Dez Palavras. Ele usou dez vezes a expressão "e Deus disse:

Gn 1,3	E Deus disse: haja luz
Gn 1,6	E Deus disse: haja um firmamento
Gn 1,9	E Deus disse: as águas se juntem e apareça o continente

Gn 1,11	E Deus disse: a terra se torne verde de verdura
Gn 1,14	E Deus disse: haja luzeiros
Gn 1,20	E Deus disse: as águas produzam seres vivos
Gn 1,24	E Deus disse: que a terra produza seres vivos
Gn 1,26	E Deus disse: façamos o ser humano
Gn 1,28	E Deus disse: sejam fecundos
Gn 1,29	E Deus disse: dou as ervas para vocês comerem

Assim como fez para o seu povo, Deus fez para as suas criaturas: fixou para elas “uma lei que jamais passará” (Sl 148,6). Dez vezes Deus falou, e dez vezes as coisas começaram a existir. Falou: “Luz!”, e a luz começou a existir. Falou: “Terra!”, e a terra apareceu. Gritou os nomes das estrelas, e elas começaram o seu percurso no firmamento. “Ele diz e a coisa acontece, ele ordena e ela se afirma” (Sl 33,9). A harmonia do cosmo que vence a ameaça do caos é fruto da obediência das criaturas ao Decálogo da criação.

O povo não observou a lei da aliança, e veio a desordem do cativo. As criaturas observam a lei da criação, e por isso existe a ordem do cosmo. No pai-nosso, Jesus pede que observemos a lei da aliança com a mesma perfeição com que o sol e as estrelas do céu observam a lei da criação: “Assim na terra como no céu” (Mt 6,10).

A fé no Deus Criador abriu um horizonte, cujo alcance para a vida só se compara com o horizonte que a ressurreição de Jesus abriu para os discípulos confrontados com a barreira intransponível da morte. A descoberta do Decálogo da criação é como se fosse um fundamento novo colocado debaixo de um prédio que ameaçava cair por falta de observância da parte dos engenheiros e operários. Você não vê o fundamento novo, pois está debaixo do chão, mas sabe que ele existe, visto que o prédio pode até balançar, mas não cai. A fé na gratuidade da presença universal de Deus na criação torna-se a infra-estrutura da observância da lei dos Dez Mandamentos.

A nova imagem de Deus que orienta o rumo da escolha da vida

Essa redescoberta da presença de Deus na criação foi o resultado da teimosia da fé dos pequenos, homens e mulheres como Oséias e Gomer, Jeremias, Ezequiel, os discípulos e discípulas de Isaías e tantos outros, pais e mães de família, jovens e velhos, que continuavam na busca do Deus Criador, cuja promessa de vida ultrapassava o fracasso da observância moralista. A total gratuidade da presença universal de Deus Criador os enchia de esperança no meio da sua fraqueza. A bondade imensa de Deus, expressa na criação, deu ao povo olhos novos para perceber de maneira nova os sinais da presença de Deus, e encontrar imagens novas para verbalizar a nova experiência de Deus.

Como tantos exilados e migrantes de hoje, eles viviam desenraizados lá na Babilônia. O único espaço de uma certa autonomia e liberdade que ainda sobrava para eles era o espaço familiar: o pai, a mãe, o marido, a esposa, os filhos, o mundo pequeno da família, a “casa”. Todo o resto que antes fazia parte da vida já não existia: a organização mais ampla da tribo, a posse da terra, o templo, as peregrinações, o culto, o sacrifício, o sacerdócio, a monarquia. Nada disso tinha sobrado. Ora, em vez de achar que Deus os tivesse abandonado, foi exatamente no espaço reduzido e enfraquecido da família, da comunidade, da “casa”, que eles reencontraram a presença de Deus.

As novas imagens que encontraram para expressar sua experiência de Deus refletem o ambiente familiar da casa, pois Deus é apresentado por eles como Pai (Is 63,16; 64,7), como Mãe (Is 46,3; 49,15-16; 66,12-13), como Marido (Is 54,4-5; 62,5), como parente próximo (ou irmão mais velho) (Is 41,14; 43,1). O Deus que antes estava ligado ao templo, ao sacerdócio, ao culto oficial, à monarquia, agora está perto deles, “em casa”; casa pequena, quebrada e, humanamente falando, sem futuro, mas *casa*, não *templo*. Não insistiram nas imagens religiosas tradicionais, mas usaram imagens novas tiradas da vida familiar e comunitária de cada dia.

Eles, por assim dizer, humanizaram a imagem de Deus e sacralizaram a vida como o espaço do reencontro com Deus. “Realmente, tu és um Deus que se esconde, Deus de Israel, Deus salvador!” (Is 45,15). Ele se esconde e se abriga onde antes ninguém o procurava: em casa, no relacionamento diário familiar e comunitário, no meio do povo exilado e excluído (Is 57,15).

Essa nova experiência de Deus deu coragem ao povo para recomeçar com garra a observância da lei de Deus. Agora, eles observam a lei não mais para merecer a salvação, e sim para agradecer e retribuir a imensa bondade com que Deus os amou primeiro e cujo amor não depende da observância da lei. Eles sabem que nada, nem mesmo o fracasso, pode separá-los do amor de Deus (Is 40,1-2a; 41,9-10.13-14; 43,1-5; 44,2; 46,3-4; 49,13-16; 54,7-8 etc. Cf. Rm 8,38-39). Tiraram o veneno do cano da torneira. Limparam a imagem contaminada de Deus, e a água da observância brotava purificada como que de uma nova fonte. Essa foi a nova semente lançada no chão da vida do Povo de Deus e que foi germinando como o grão de mostarda de que fala Jesus.

Os interesses do Império e a teimosia da fé dos pequenos

Depois do cativeiro, nos séculos seguintes até a chegada do Novo Testamento, continuou a tentação de reduzir Deus ao tamanho dos desejos humanos. Os interesses dos impérios babilônico, persa, helênico e romano chegaram a ter muita influência na vivência da fé. O cupim foi entrando de novo na viga da fé do povo. Em 398 a.C., Artaxerxes, rei da Pérsia, enviou o escriba Esdras para organizar o povo da Judéia e lhe disse: “Quem não obedecer à lei do seu Deus, que é a lei do rei, será castigado rigorosamente com morte ou exílio, multa ou prisão” (Esd 7,26). Altar e trono se uniram de novo, e a observância da lei começou a ser usada, novamente, para garantir os interesses políticos e religiosos, não para fazer crescer a vida conforme o projeto de Deus expresso nos Dez Mandamentos.

Uma contradição perigosa estava naquela frase do rei: “A lei do seu Deus é a lei do rei”. Alguns identificavam a obediência a Deus com a observância da lei do rei. Outros identificavam a obediência a Deus com a observância da lei de Deus. Tanto uns como os outros procuravam usar a religião e a fé em Deus para alcançar seus próprios interesses.

Os primeiros conseguiram a liderança política e econômica e impuseram a todos tudo o que vinha do Império, inclusive a cultura grega e as expressões do culto imperial. Eles deram origem aos saduceus e à elite sacerdotal. Foram eles que, pela sua política absurda, provocaram a revolta dos macabeus (2Mc 4,12-14; 1Mc 1,11-15; 2Mc 4,23-24) e, duzentos anos depois, se reuniram para acabar com Jesus e tantos outros (Jo 11,47-53. Cf. At 5,34-37).

Os outros conseguiram a liderança religiosa e tinham grande influência sobre a consciência do povo. Eles deram origem aos fariseus, zelotes e essênios. Para defender o povo contra a agressão da elite econômica e política, eles se fecharam na pureza da raça e na observância das leis, o que levou a um isolamento fundamentalista entre as nações, à expulsão das mulheres estrangeiras (Esd 10,1-44) e aos massacres realizados por Judas Macabeu (2Mc 12,15-16.19.23.26.28).

Mas continuou também a resistência daqueles que procuravam impedir que o cupim da falsa imagem de Deus corresse de novo a viga da fé. Eles formavam um movimento de base que manifestava sua presença nas novelas populares (Rute, Judite, Jonas), na literatura dos sábios (Jó, Eclesiastes e trechos de Provérbios, Eclesiástico e Sabedoria), nas celebrações e romarias (muitos salmos), no movimento apocalíptico (Daniel), na arte popular (Cântico dos Cânticos). Eles procuravam impedir que a observância da lei de Deus fosse enquadrada dentro do esquema dos interesses tanto do Império como dos grupos religiosos moralistas. Essa resistência contra a manipulação da imagem de Deus e da religião vai encontrar o seu prolongamento em Jesus.

O conflito entre Jesus e os escribas a respeito da lei de Deus

Jesus teve enfrentamentos muito fortes com as autoridades religiosas: “Ai de vocês, fariseus, porque vocês pagam o dízimo da hortelã, da arruda e de todas as outras ervas, mas deixam de lado a justiça e o amor de Deus. Vocês deveriam praticar isso, sem deixar de lado aquilo” (Lc 11,42). “Ai de vocês também, doutores da lei! Porque vocês impõem sobre os seres humanos cargas insuportáveis, e vocês mesmos não tocam essas cargas nem com um só dedo” (Lc 11,46). “Vocês esvaziam a Palavra de Deus com a tradição que vocês apenas ficam repetindo” (Mc 7,13).

As autoridades religiosas não aprenderam a lição da história. Em nome da tradição que ensinavam ao povo, não aceitaram a proposta de Jesus. Obedecendo a Moisés, escolheram a vida, mas a escolheram de acordo com a visão que eles tinham de Deus e da lei de Deus. Infelizmente, a escolha feita por essas autoridades repetiu a tragédia do passado. Quarenta anos depois da morte de Jesus, os romanos vieram, destruíram Jerusalém e provocaram a desintegração do povo. Prevendo o que ia acontecer, Jesus tentou evitar o desastre, mas não quiseram escutá-lo (Lc 19,43-44).

Os escribas e fariseus insistiram em limpar a caixa d'água, mas não perceberam o veneno dentro do cano da torneira. Esqueceram que a lei tinha sido dada não como uma imposição de normas para merecer ou “comprar” a proteção de Deus, mas como um caminho aberto em direção à liberdade e à justiça, para que todos tivessem vida e vida em abundância. Esqueceram que todos os mandamentos da lei de Deus têm um único objetivo: unir os dois amores, amor a Deus e amor ao próximo, e, assim, criar a fraternidade como revelação máxima do rosto de Deus entre nós (Mt 7,12; 22,34-40).

Jesus não limpou a caixa d'água, mas tirou o veneno de dentro do cano da torneira. Acabou com o cupim da falsa imagem de Deus que esvaziava por dentro a viga da fé. Não foi fácil. Ele mesmo foi tentado a usar sua influência junto a Deus e a reduzir Deus ao tamanho dos seus próprios inte-

resses. O diabo o provocou para mudar pedra em pão (Mt 4,3), para criar fama de pessoa protegida por Deus (Mt 4,6) e para aceitar o poder sobre o mundo inteiro (Mt 4,9), aparecendo, assim, perante o povo, como o novo Moisés, como o messias que instaura o Reino de Deus.

Ajudado pela luz da Escritura, porém, Jesus recusou a proposta do diabo e não usou Deus em seu próprio interesse (Mt 4,4.7.10). Por isso, na vida dele, a água da observância nascia pura como de fonte purificada. Observando a lei, Jesus deixou Deus reinar em sua vida e tornou-se uma amos-tras do Reino de Deus. O povo o reconheceu e dizia: "Ele fala com autoridade. Diferente dos escribas e fariseus" (Mc 1,22.27).

As autoridades religiosas não gostavam do jeito de Jesus explicar e viver a lei de Deus. Muitos diziam que ele estava acabando com a lei de Deus. Jesus respondia: "Não pensem que vim acabar com a lei e os profetas. Não vim revogá-los, mas dar-lhes pleno cumprimento" (Mt 5,17). Íntimo de Deus, filho do Pai, Jesus conhecia o objetivo que Deus tinha em mente ao promulgar a lei no monte Sinai. Por isso ele podia mostrar o que Deus queria ao promulgar os Dez Mandamentos no monte Sinai.

A reconstrução da vida na base pela observância da lei de Deus

Jesus retoma e defende os grandes valores da vida humana que estão por de trás de cada um dos Dez Mandamentos. Ele insiste no amor, na fidelidade, na misericórdia, na justiça, na veracidade, na humanidade (Mt 9,13; 12,7; 23,23; 5,10; 5,20; Lc 11,42; 18,9). Em Jesus, o resultado da observância da lei de Deus é a plena humanidade. Nele aparece aquilo que acontece quando um ser humano deixa Deus tomar conta da sua vida. Cada um dos Dez Mandamentos representa um valor, sem o qual a vida não seria vida plena. O objetivo último é unir os dois amores, a construção da fraternidade em defesa da vida. Quanto maior a fraternida-

de, tanto maior será a plenitude da vida e maior a adoração das criaturas todas ao Deus Criador e Salvador.

Vivendo os Dez Mandamentos de um jeito novo, Jesus tinha autoridade e liberdade para criticar as estruturas e leis da religião do seu tempo. Aos que identificavam a vontade de Deus com as palavras da lei, ele dizia: “Antigamente, foi dito, mas *eu* digo”, e por seis vezes teve a coragem de modificar a lei antiga para evitar que as pessoas se fechassem na letra e esquecessem o objetivo último, que é a prática do amor (Mt 5,21-22.27-28.31-34.38-39.43-44). A mesma liberdade ele mostrou diante dos costumes religiosos da época: esmola (Mt 6,1-4), formas de rezar (Mt 6,5-15), jejum (Mt 6,16-18), práticas da pureza legal (Mc 7,1-23), observância do sábado (Mc 2,23-28), comunhão de mesa com pagãos e pecadores (Mc 2,15-17), expulsão de demônios (Mc 3,22-30), templo (Mc 11,15-17). Ele chegou a anunciar a destruição do templo (Mc 13,1-2) e a dizer que Deus pode ser adorado em qualquer lugar, contanto que seja em espírito e verdade (Jo 4,21-24).

Eis um exemplo concreto de como Jesus vivia e interpretava o mandamento “Não matar”:

Vocês ouviram o que foi dito aos antigos: não mate. Quem matar, será condenado pelo tribunal. Eu, porém, lhes digo: todo aquele que fica com raiva do seu irmão torna-se réu perante o tribunal. Quem diz ao seu irmão: imbecil, torna-se réu perante o sinédrio; quem chama o irmão de idiota, merece o fogo do inferno (Mt 5,21-22).

Com outras palavras: não basta não matar. Eu só terei observado plenamente o mandamento “Não matar” se conseguir tirar de dentro de mim o sentimento de raiva. Ou seja, se chegar à perfeição do amor.

A respeito do mandamento “Não cometer adultério”, ele afirmava: “Vocês ouviram o que foi dito: não cometa adultério. Eu, porém, lhes digo: todo aquele que olha para uma mulher e deseja possuí-la, já cometeu adultério com ela no coração” (Mt 5,27-28). Quanto ao mandamento “Não dar falso testemunho”:

Vocês ouviram também o que foi dito aos antigos: não jure falso, mas cumpra os seus juramentos para com o Senhor. Eu, porém, lhes digo: não jurem de modo algum... Digam apenas "sim", quando é "sim"; e "não", quando é "não". O que você disser além disso vem do Maligno (Mt 5,33-34.37).

Jesus radicalizou os mandamentos, mostrou a sua raiz. Os Dez Mandamentos são dez caminhos abertos no chão da vida, dez ponteiros ao longo da estrada, apontando como porto de chegada o amor.

A manifestação da plenitude do amor

Tudo se resume em imitar Deus:

Vocês ouviram o que foi dito: ame o seu próximo e odeie o seu inimigo. Eu, porém, lhes digo: amem os seus inimigos e rezem por aqueles que perseguem vocês! Assim vocês se tornarão filhos do Pai que está no céu, porque ele faz o sol nascer sobre maus e bons, e a chuva cair sobre justos e injustos. Pois, se vocês amam somente aqueles que os amam, que recompensa terão? Os cobradores de impostos não fazem a mesma coisa? E se vocês cumprimentam somente seus irmãos, que é que fazem de extraordinário? Os pagãos não fazem a mesma coisa? Portanto, sejam perfeitos como é perfeito o Pai de vocês que está no céu (Mt 5,43-48).

O amor é o princípio e o fim de tudo. Prova de amor maior não há que doar a vida pelo irmão. Jesus imitou o Pai e revelou o seu amor. Cada gesto, cada palavra de Jesus, desde o nascimento até a hora de morrer na cruz, era uma expressão desse amor. Foi um crescendo contínuo. A manifestação plena foi quando, na cruz, ofereceu o perdão ao soldado que o torturava e matava.

O soldado, empregado do Império, prendeu o pulso de Jesus no braço da cruz, colocou um prego e começou a bater. Deu várias pancadas. O sangue espirrava. O corpo de Jesus se contorcia de dor. O soldado, mercenário ignorante, alheio ao que estava fazendo e ao que estava acontecendo ao redor, continuava batendo como se fosse um prego na pa-

rede da casa para pendurar um quadro. Naquele momento Jesus dirigiu ao Pai esta prece: “Pai, perdoa! Eles não sabem o que estão fazendo!”. Por mais que o tenham querido, a desumanidade do sistema não conseguiu apagar em Jesus a humanidade.

Eles o prenderam, xingaram, cuspiram-lhe no rosto, deram-lhe socos na cara, fizeram dele um rei palhaço com coroa de espinhos na cabeça, flagelaram, torturaram, fizeram-no andar pelas ruas como um criminoso, teve de ouvir os insultos das autoridades religiosas, no Calvário o deixaram totalmente nu à vista de todos e de todas. Mas o veneno da desumanidade não conseguiu alcançar a fonte da humanidade que brotava de dentro de Jesus. A água que jorrava de dentro era mais forte que o veneno que vinha de fora, querendo de novo contaminar tudo.

Olhando aquele soldado ignorante e bruto, Jesus teve dó do rapaz e rezou por ele e por todos: “Pai, perdoa!”. E ainda arrumou uma desculpa: “São ignorantes. Não sabem o que estão fazendo!”. Diante do Pai, Jesus se fez solidário com aqueles que o torturavam e maltratavam. Era como o irmão que vem com seus irmãos assassinos diante do juiz e ele, vítima dos próprios irmãos, diz ao juiz: “São meus irmãos, sabe. São uns ignorantes. Perdoa. Eles vão melhorar!”.

Era como se Jesus estivesse com medo de que o mínimo de raiva contra o rapaz pudesse apagar nele o restinho de humanidade que ainda sobrava. Esse gesto incrível de humanidade foi a maior revelação do amor de Deus. Jesus pôde morrer: “Está tudo consumado!”. E inclinando a cabeça, entregou o espírito (Jo 19,30).

A imagem de Deus, expressa nessa atitude de Jesus, eliminou o veneno, limpou por dentro o cano da torneira. O mesmo espírito que ele entregou ao Pai, nós o recebemos no Batismo. Ele nos ajudará para que a escolha da vida seja feita no rumo certo. *Escolhe, pois, a vida!* participando da Campanha da Fraternidade deste ano de 2008.

***Questões para ajudar a leitura
individual ou o debate em comunidade***

1. De que maneira participo da promoção da vida de meus irmãos e irmãs que têm a vida ameaçada por serem moradores de rua ou estarem em outras áreas de risco?
2. “Realmente, tu és um Deus que se esconde” (Is 45,15). No mundo globalizado, consumista, onde Deus ainda encontra morada? Nossas comunidades são espaço para Deus habitar?
3. Olhando toda a criação de Deus, como percebo e vivo a experiência de Deus no hoje?

JOÃO BATISTA LIBANIO, SJ*

Entre as prioridades do quadro programático da última assembléia geral da CRB em 2007, figura o propósito de ampliar as alianças entre as congregações religiosas no tocante à formação e missão, além de intensificar a partilha dos carismas com leigos e leigas. Esse projeto situa-se no quadro das redes e parcerias já existentes e a serem criadas.

O Concílio Vaticano II inaugurou novos tempos na Igreja Católica, afetando, naturalmente, a Vida Consagrada. Entre os muitos traços fundamentais, indicarei três importantes para a presente reflexão: a base laical da Igreja como Povo de Deus, a colegialidade como espírito e prática na condução da vida interna da Igreja e a relação positiva e crítica com o mundo moderno. Quanto ao último aspecto, a constituição pastoral *Gaudium et spes* se tornou exemplar. Ensinou-nos a lançar antes de qualquer movimento evangelizador um olhar sobre o mundo.

Criou conceito próprio de mundo, bem complexo. No sentido geral, que nos interessa neste artigo, significa o conjunto da obra criada por Deus e renovada por Jesus Cristo, os mais diversos seres humanos que nele habitam. Abraça as realidades terrenas e tarefas temporais do ser humano nesta vida. Possui certa autonomia. Manifesta-se como verdadeiro teatro da história da humanidade, marcado pelo seu engenho, por suas derrotas e vitórias. Exige de nós ser conhecido para atuar nele em estonteante diversidade.

As assembléias da CRB preocupam-se em conhecer a realidade do mundo para, a partir dela, organizar os projetos. Como tal realidade é atravessada pela graça e pelo pecado,

*** Padre João Batista Libanio** é teólogo, professor de Teologia no Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, em Belo Horizonte. Presta assessoria teológica em âmbito nacional e internacional. Tem várias obras publicadas.
Endereço do autor: Av. Cristiano Guimarães, 2127, Planalto, cep 31720-300, Belo Horizonte-MG.

pela ação humana em consonância com o projeto de Deus ou em oposição a ele, cabe discernir como agir na perspectiva da fé.

O projeto das alianças entre as congregações responde a algumas características novas da situação atual. Estudaremos duas delas: o surgimento da sociedade do conhecimento e a relevância das redes.

Sociedade do conhecimento

Situa-se na revolução pós-industrial, produzida fundamentalmente pela informática no campo tecnológico e pela relevância do conhecimento na produção. Elencam-se entre os principais recursos dessa sociedade: a inteligência, o conhecimento, a criatividade, as informações, os laboratórios científicos e culturais, a eletrônica, a informática, a biogenética, as tecnologias intelectuais e adequadas, o *logos*, o fazer com que a máquina faça, a nova relação entre *soft* e *hard*.¹ Distingue-se das sociedades rural e industrial, ainda vigentes no Brasil.

A sociedade rural usa a terra como o mais importante meio de produção, sem recorrer a maquinaria nem a dados científicos. Existe nas regiões pobres e não-atingidas pelo progresso. O agronegócio já não faz parte de tal sociedade, pois insere-se em etapas ulteriores do desenvolvimento. Nessa sociedade, a religião e a Vida Consagrada encontravam-se em casa. Abundavam as vocações vindas de famílias numerosas que moravam no campo. A importância da família tradicional, centrada na figura do pai, mantinha os valores tradicionais.

A sociedade industrial recorre à máquina, que substitui grandemente a força humana. O Brasil, já faz décadas, entrou de corpo inteiro na era industrial em íntima conexão com acelerada urbanização. O político e o econômico predominam sobre o cultural. As famílias diminuem de tamanho. No começo, a classe média, ainda com bom número de filhos, fornecia vocações preciosas para a Vida Religiosa. A rápida baixa de natalidade e a mentalidade moderna de

1. DE MASI, D.
A sociedade pós-industrial. São Paulo: Senac, 2000. pp. 49-52.

autonomia, de liberdade e de primazia do prazer produziram abrupta queda nas vocações, cujos efeitos as congregações tradicionais hoje sentem muito.

A sociedade do conhecimento desloca a produção para o mundo do conhecimento baseada nos *softs*. Esses condensam conhecimento. Tomemos o exemplo de um meio de transporte: a charrete, o automóvel do início da industrialização e o de hoje. Onde está a diferença? A charrete utilizava a força animal. O automóvel, nos inícios, ostentava arcabouço mecânico robusto, feito de aço resistente e pesado. Hoje, carrega inúmeros *chips* com informações, transformando-se antes num cérebro eletrônico em movimento que numa máquina. E quanto mais se avança na tecnologia, mais o valor das máquinas depende da quantidade de conhecimento nelas embutido.

Na vida prática dos religiosos, as secretarias, os economatos e os serviços, principalmente, sofreram tal revolução. Quem conheceu os grandes livros dos arquivos, religiosamente anotados por zelosos amanuenses, viu-os lentamente serem substituídos por folhas datilografadas em máquinas de escrever comum e, depois, elétricas. E hoje? Fala-se de programas. Não poucos religiosos tiveram de deixar seu posto de trabalho por já não conseguir adaptar-se ao mundo eletrônico. E lá estão jovens bem mais dotados para tais misteres.

Os serviços, como as bibliotecas, passaram por profundas transformações. Antes, consultávamos enormes fichários; hoje, por meio de programas especializados, procuramos livros e artigos nos terminais de computador e, em muitos casos, pela Internet.

A sociedade do conhecimento revolucionou não só o mundo da produção, mas também o uso do produto. Aqui, já temos ponto importante para a formação e missão dos religiosos.

Impacto sobre a formação

Na sociedade de conhecimento, estabelece-se cada vez mais claramente o corte entre os produtores de saber e os usuários. Milhões e milhões de pessoas usam o programa *Windows*. Pequeno e seletíssimo grupo de técnicos de alta competência o produziu e continua atualizando permanentemente. E em articulação com a indústria do *hard*, os *softs* obrigam-nos a acompanhá-los com a compra de computadores cada vez mais possantes e sofisticados. Entra-se em verdadeira roda-viva de novos *softs*, novos *hards*.

Hoje, pertence à formação aprender a usar os programas, os *sites*, a Internet com as inúmeras ofertas de conhecimento. Um primeiro problema. Como aprender a usá-los?

Há dois níveis de uso. O aspecto técnico impõe-se por si mesmo. Aqui, a geração jovem mostra enorme habilidade. E praticamente os jovens aprendem sozinhos e entre si. Por meio do método empírico do *trial and error* — tentativa e erro — descobrem rapidamente os meandros dos programas, dos *sites* de busca, das viagens pela Internet. Inverte-se a pedagogia. Os jovens se fazem mestres dos mais velhos.

No campo da tecnologia, funciona a razão instrumental, que organiza os meios para os fins. Ela não conhece valores, nem espiritualidade, nem carisma religioso, nem fé. A eficácia e a competência confinam-se ao mundo das coisas, dos objetos. Quanto maior adequabilidade entre meios e fins, tanto mais a razão instrumental manifesta a sua lógica. E requer-se simplesmente aprender o funcionamento e exercitá-lo. No máximo, a criatividade se exerce no aperfeiçoamento e no manejo funcional. As inteligências treinadas desde cedo nesse campo adquirem especial habilidade.

O papel dos formadores situa-se no outro plano. Cabe-lhes introduzir no mundo da tecnologia os valores, a experiência de fé e de Vida Religiosa. Aí se estabelece o diálogo formativo. O resultado positivo acontece quando a tecnologia se submete e se põe a serviço dos valores autônomos, os quais valem por si mesmos, tais como a justiça, o bem, a verdade, o amor, a beleza e semelhantes. Não se deixam

instrumentalizar. O formador é, nesse momento, o porta-voz do universo de valores que questionam a funcionalidade instrumental das técnicas.

Ampliando a reflexão para as relações intercongregacionais no campo da formação, percebemos a necessidade da conjugação de esforços. Pessoas de sabedoria, experiência e consciência não abundam. Grupos religiosos que carecem de formadores podem ajudar-se articulando cursos, encontros e contatos estáveis com tais pessoas.

A confecção de uma lista delas pelas congregações facilitaria o recurso a elas. E os contatos se viabilizam de duas maneiras. Existe a presença física, sob certo sentido insubstituível em dados momentos. Tornam-se possíveis também múltiplos contatos virtuais.

Os encontros, que acontecem no interior de uma congregação, ganham muito se acolhem religiosos(as) de outras congregações. No mundo das empresas, organizam-se com frequência reuniões e cursos para executivos variados. Semelhantemente, há enorme espaço de ampliação das ofertas intercongregacionais de formação desde celebrações litúrgicas, encontros com pessoas qualificadas, pequenos cursos, além dos cursos formais organizados pela CRB. Praticamente, tem-se permanecido neste último tipo de cursos. Aproveita-se pouco de recursos que algumas congregações dispõem de pessoas capacitadas em psicologia, sociologia, filosofia, teologia, espiritualidade e outros saberes.

Passo necessário consiste em criar um “banco de dados” para a formação da vida consagrada. Sondagem preliminar de aptidões e disponibilidades, ofertas e pedidos das congregações e de seus membros reuniria precioso arsenal de informação. Com o uso da informática, a obtenção e a comunicação dos dados se torna extremamente fácil. Basta criar um *site* fechado ou aberto, conforme a natureza das informações, ao qual as congregações teriam acesso para suprir as necessidades. Há muito talento ocioso ou subutilizado em atividades menos importantes por falta de conhecimento e articulação.

Valeria a pena investir na organização de tal banco de dados e mantê-lo atualizado. Os programas que a CRB Nacional e as Regionais oferecem já são bom início. No entanto outras potencialidades esperam ser descobertas e aproveitadas.

No campo da missão

De modo semelhante, as articulações intercongregacionais no campo da missão permitem, na sociedade do conhecimento, inúmeras iniciativas. A idéia fechada de carisma tem impedido tal comunhão na missão. Os carismas não se contradizem, já que todos partem do mesmo Evangelho e resultam da experiência espiritual do único Deus trino. Colorem a evangelização, a presença do Reino de Deus. Somam, não dividem.

Teologicamente, não existem obstáculos. Esses se mostram no campo funcional ou organizacional. Questões superáveis. A base de comunhão estende-se muito mais do que as singularidades e originalidades e, à primeira vista, parecem restringir. Ao partir da comunhão na única missão de Cristo no seio da Igreja Católica, as congregações dispõem de pluralidade de atividades à espera de melhor e maior articulação entre si.

Outra articulação se dá por meio de ofertas de pessoal para atividades em ou com outras congregações. Recentemente, em curso internacional de formação de determinada congregação, esta recorreu a uma irmã de outra congregação para ajudar no trabalho de intérprete, de redatora de sínteses. Pelo conhecimento maior da Vida Religiosa, uma freira faz tal serviço com mais competência que um profissional secular. Por outro lado, ser uma religiosa de outra congregação traz contribuição nova. Isso pode ser algo puramente esporádico, ou organizado mais sistematicamente, valendo-se dos recursos de um banco de dados, como já falamos.

Outro exemplo. Uma congregação dedicada a colégios possui, eventualmente, excelente irmão ou padre no campo da teologia. Em vez de forçá-lo sob o peso da obediência e

diminuir-lhe o campo de irradiação, por que não colocá-lo à disposição de outra congregação, onde prestará serviço mais qualificado para a evangelização?

Quem conheceu a Universidade Gregoriana de décadas atrás, quando somente jesuítas ensinavam, alegra-se ao vê-la, hoje, sendo potencializada por religiosos de outras congregações, leigos e leigas bem formados em teologia. O ensino da teologia e os alunos ganham com tal colaboração intercongregacional e com leigos(as) na missão.

Na pobreza geral de pessoal, custa às congregações “sacrificar” pessoas de valor para atividade fora de seus muros. Aqui, interfere compreensão mais ampla da sociedade de hoje e do significado da evangelização como obra de toda a Igreja.

Até aqui, vimos a articulação no sentido de ofertas e demandas socializadas entre as congregações. A sociedade do conhecimento permite avanços ainda maiores e não explorados pelos religiosos.

Instituições seculares, por simples interesse econômico, conseguem, por exemplo na área educacional, adotar livros didáticos iguais em cursos esparsos pelo território nacional. A educação católica conseguiu setorialmente realizar o mesmo. Há tentativas em andamento, nesse campo, de produção de textos de cultura religiosa comuns para âmbito maior de colégios. São inícios. Resta-nos longa via. As dificuldades surgem de personalismos, de visões fechadas no próprio mundo, de idéias preconcebidas a respeito da própria perspectiva educativa. Não deixa de ser intrigante que a palavra “diabo”, em grego, signifique “o que divide”. É símbolo que enche e penetra a liturgia, traduz a experiência de ligar e fazer pensar. Falta no campo da missão, no aspecto intercongregacional, visão simbólica e não diabólica do carisma, da originalidade de cada congregação, a qual existe não para dividir a evangelização, nem para encurtar a missão, mas antes para unir, lançar pontes, ser símbolo e não diabo.

Colaboração de leigos(as) na formação

A intercongregacionalidade exige muito desprendimento, abertura, segurança interior e maturidade religiosa. Entretanto as congregações se situam no mesmo plano espiritual, evangelizador, eclesial. O desafio cresce quando se entra no tema da inserção de leigos(as) na formação e missão dos religiosos e das parcerias seculares.

A presença de leigos(as) na formação de religiosos permite figuras diferentes. Existe um(a) leigo(a) que foi cultivado(a) pelos religiosos, que assumiu traços da espiritualidade própria da congregação. Nesse campo, fazem-se muitas experiência de maior ou menor presença deles na formação dos jovens religiosos com excelentes resultados. Introduz-se um diferente no convívio dos formandos que os ajuda a perceber melhor a própria identidade. O encontro com o diferente paradoxalmente ameaça e enriquece.

Ameaça, porque seduz pelo lado positivo da pessoa quanto àquilo que nos falta ou que renunciamos. A ver leigos tão realizados espiritual e apostolicamente, algum religioso chega a perguntar-se: vale a pena seguir a Vida Consagrada se posso viver, como leigo, (quase) tudo de bem que a Vida Consagrada me proporciona sem o custo da renúncia dos votos? Por outro lado, enriquece, porque do lado do leigo há também limitações e a Vida Religiosa oferece elementos importantes de que ele carece. Então, confirma o religioso.

Há outra presença de pessoas seculares na Vida Consagrada. Elas não são escolhidas por causa da proximidade ao carisma, mas por competência profissional, mesmo que passem em horizonte religioso bem diverso. Aqui se fizeram experiências extremas. Ficou clássico o exemplo do mosteiro em Cuernavaca nos idos do Concílio Vaticano II.

Os religiosos se submeteram à psicanálise de terapeuta sem fé. E no final o mosteiro se esvaziou. Talvez a dose exagerada tenha levado as estruturas fragilizadas, em vez de firmarem-se, a desmoronarem-se.

A onda de psicólogos alheios à Vida Religiosa tratarem seus membros bateu, em dado momento, em muitos muros, com efeitos os mais diversos. Aqui cabe, naturalmente, discernimento sensato. De um lado, a presença de leigos

na formação se faz relevante e necessária tanto no campo psicossocial como no do ensino nas faculdades de filosofia e teologia. A originalidade do(a) leigo(a) contribui de maneira insubstituível. Rompe muros fechados, visões demasiado domésticas e autocentradas de casas de formação. Areja-as. De outro, a falta de discernimento na escolha da pessoa e no tipo de presença pode provocar efeitos negativos.

Colaboração do(a) leigo(a) na missão

No espaço da missão, já se conquistou definitivamente a consciência de que os leigos trazem elementos fundamentais e imprescindíveis para o seu melhor cumprimento. Mesmo que o primeiro motor de tais iniciativas tenha sido a conjuntura da baixa numérica de religiosos(as), as razões profundas vêm da teologia.

Na verdade, está a intuição fundamental da constituição dogmática *Lumen gentium* acerca da base laical da Igreja, como assinalamos acima. Em que consiste tal intuição?

Parte-se do fato de a Igreja constituir-se, antes de tudo, o Povo de Deus. Leigo remete, etimologicamente, ao termo grego *laikós*, de *laós* = povo. Leigo refere-se à base comum da Igreja de ser Povo de Deus. Como tal, não se opõe a clero, mas antecede a bifurcação clero-leigo no sentido de não-clero. Há, portanto, um sentido fundamental de leigo que o associa à realidade de Povo de Deus. Tal base laical da Igreja leva-nos a ampliar o horizonte da presença do leigo na Vida Consagrada. Clero, religioso e leigo têm base inicial comum e só depois se diferem pelo ministério, pelo carisma.

Já tocado pelo espírito do Concílio, o direito canônico define os fiéis (leigos) como aqueles que,

incorporados a Cristo pelo batismo, foram constituídos como Povo de Deus e assim, feitos participantes, a seu modo, do *múnus* sacerdotal, profético e régio de Cristo, são chamados a exercer, segundo a condição própria de cada um, a missão que Deus confiou para a Igreja cumprir no mundo (cân. 204).

2. Já publiquei um artigo sobre esse tema sob o título "Religiosos e leigos: trabalho em rede e parcerias em vista da solidariedade". *Revista Convergência*, Rio de Janeiro, ano XXXVII, n. 249, pp. 29-40, jan./fev. 2002.

Pertence à missão do leigo colaborar, dada a ocasião, com os(as) religiosos(as) na única missão da Igreja, a construção do corpo de Cristo, como o direito canônico logo em seguida afirma:

Entre todos os fiéis, pela sua regeneração em Cristo, vigora, no que se refere à dignidade e atividade, uma verdadeira igualdade, pela qual todos, segundo a condição e os múnus próprios de cada um, cooperam na construção do corpo de Cristo (cân. 208).

O Concílio Vaticano II introduz outra categoria que ilumina a participação do leigo na missão dos religiosos: a colegialidade. Em geral, ela é entendida quase unicamente na relação do papa com os bispos, ou do bispo com o clero. Em sentido amplo, a colegialidade significa o novo espírito de uma Igreja que, consciente da base laical, também quer ver os leigos participando em toda a missão eclesial. Retoma-se, aqui, o velho adágio da escolástica: o agir segue à natureza do existir. Ora, se existimos todos como Povo de Deus, leigos nesse sentido, então agimos todos, colegiadamente, a partir de uma natureza, de um ser, de um existir comum. Portanto, se o ser da Igreja se define pela igualdade fundamental do batismo, o seu agir necessita ser também baseado nessa igualdade, isto é, ser colegial. Por sua vez, o agir colegial configura uma Igreja basicamente igualitária.

Descendo ao concreto, a ação colegial com os leigos na missão não tem limite no sentido teológico. Esse virá de condições práticas e circunstâncias determinadas. A participação do(a) leigo(a) não conhece cerca que a feche, mas mostra-se como horizonte sempre a abrir-se.

Parcerias seculares

Adquire outra feição a busca de parcerias seculares. Há dois tipos. A congregação religiosa mantém a hegemonia, a orientação da atividade, e aceita que grupos seculares colaborem com ela no espírito do carisma, embora eles o guardem com certa autonomia. Não se trata de leigos individuais,

mas de organizações seculares das quais a congregação aceita a participação dentro do quadro dos próprios valores. Desarte, um colégio, uma universidade católica ou outro tipo de instituição organiza parcerias que lhe permitam ditar as regras do jogo. Amplia-se, assim, a ação evangelizadora. Em alguns casos, a colaboração assume a forma de terceirização. A congregação simplesmente oferece a estrutura física e a instituição leiga ocupa o espaço oferecido. Tudo se regula pela via do contrato. Às vezes, a razão primeira se restringe ao econômico. Nada impede que se consiga, em tais terceirizações, alguma atividade apostólica. Aproveita-se, então, da presença física no mesmo espaço para tal.

Diferentemente acontece se o corpo social civil detém a hegemonia da organização e a congregação religiosa simplesmente aceita colaborar dentro de suas possibilidades. Imaginemos movimentos sociais com finalidade humanística. A congregação religiosa os apóia, fornece recursos materiais e até pessoal capacitado, sem deter a última responsabilidade nem a direção ideológica principal. Tais colaborações pedem, naturalmente, discernimento apostólico. Pois a evangelização permanece sempre o objetivo da Vida Religiosa em tais parcerias.

Trabalho em rede

A palavra inglesa *net* — rede — tornou-se mágica. A mais imponente construção em rede chama-se *Inter-net* = Entre-rede. A inspiração de pensar em rede nasce da demanda da economia de recursos em vista de cumprir missão comum e, se for o caso, global. Implica a criação de vontade coletiva que se constrói com todos que querem, quando e durante o tempo que desejarem, superando o esquema de dirigente e dirigido. Rede opõe-se à multiplicação de esforços em diversos lugares, à repetição desnecessária de tarefas, à realização desintegrada de atividades.

Em certa reunião pastoral, dom Serafim comentava que, em Belo Horizonte, há vários grupos que trabalham com meninos de rua. Cada um por sua conta, e muitos meni-

nos espertamente freqüentam vários deles. Um trabalho em rede conectaria todos os grupos entre si e se saberia o que cada um faz, recolhendo sugestões e experiências bem-sucedidas, evitando repetições, erros estratégicos.

Trata-se de pensar articuladamente, enfrentar em conjunto os desafios comuns, através de projetos integrados como os que se propõem em qualquer plano bem elaborado.

Distancia-se da forma piramidal. A metáfora rede indica a natureza da estrutura, do modo de pensar e de agir até criar uma cultura. A experiência básica se expressa no entrelaçamento entre todos os que querem participar da decisão, da obra, da organização. Em vez de grupos ou pessoas buscarem uma solução para alguma questão por si mesmos, amplia-se a ação em direção a todos os que querem colaborar. Recorre-se, em geral, aos meios rápidos e abrangentes da *Inter-net* (rede). Quem tem algo a dizer, colabora do lugar em que está.

As redes bem-sucedidas mostram pontos em comum. Entre eles, o fato de, para funcionar adequadamente, precisarem de dinamizadores. As redes não se criam espontaneamente. Um grupo dinamizador gesta o ambiente e cativa as pessoas para pensar mais globalmente e menos localmente. Estimula a comunicação entre pessoas e obras, favorece a mobilidade apostólica, compartilha e potencializa os recursos humanos e materiais, planeja as atividades de forma que haja continuidade e complementaridade.

Constituem tal grupo não os que planejam, mas os que inter-relacionam as pessoas para que desse entrelace surjam as soluções. Quanto mais pessoas, grupos, organizações entrem na rede, tanto mais ricos resultados serão colhidos. Os dinamizadores recebem e repassam as informações sem nenhum controle ou filtragem. As redes se formam de indivíduos entre si ou de instituições entre elas, ou mistas. Há rede de redes sem limite. Para funcionarem redes entre congregações religiosas, exige-se que se criem dentro de cada congregação núcleos organizadores e dinamizadores.

O objetivo da rede consiste em fazer circular informações, elementos de formação, laços de solidariedade afetivos, desenvolver ações em conjunto. Funciona antes à base da motivação, da liberdade, da “mística”, do que da militância disciplinada. Portanto, o esforço se põe em cativar as pessoas e instituições para entrarem na rede. À medida que perceberem que elas se enriquecem, de um lado, e, de outro, oferecem contribuições, cresce-lhes a motivação.

Nas redes bem dinamizadas, as competências são mais bem aproveitadas, fortalece-se identidade comum, cria-se dinamismo e gera-se uma “inteligência coletiva”.

Todos aprendem: as pessoas e as organizações.

Tudo isso exige novos modelos de gestão. Todos têm o mesmo nível de poder e decidem unicamente sobre o que está em jogo em espírito de co-responsabilidade. Em termos organizativos, fala-se de comunicação entre iguais, em que todos se ligam aos demais. E toca às congregações escolherem as questões, os problemas, os campos, as obras, para inseri-los na rede. Essa escolha torna-se fundamental e decisiva. Supõe consenso de todos os participantes da rede. Em outras palavras, requer-se unificação pelo objetivo comum a ser alcançado por efetiva participação de todos.²

Nas congregações religiosas, se diversos tipos de obras e casas de formação trabalhassem em rede, as soluções, os *insights* de uns passariam para todos, receberiam críticas e aperfeiçoamentos, em vez de cada obra tentar o caminho sozinho, independentemente. Para entrar em rede, faz-se necessário um centro dinamizador de tudo o que se quer conectar para fazer circular as informações, os projetos, as expectativas etc.

Pela rede a dinamização dos projetos, a articulação entre as obras e a contribuição na formação não permanecem sob a responsabilidade de uma única pessoa. O futuro da rede depende de que tudo funcione de forma coerente com as linhas traçadas pelo conjunto dos participantes. Requer-se verdadeira mística entre os nós dessa malha para dinamizar as propostas estabelecidas e para adaptar o processo aos desafios

2. Várias idéias vieram do texto manuscrito de Andrea Cecilia Ramal por ocasião do Planejamento Apostólico da Província Jesuíta do Brasil Central, Rio de Janeiro, 2003.

dos novos tempos, a fim de conquistar mais e mais pessoas para o movimento de promoção dos valores que a inspiram.

Princípios que regem uma rede:

1. Identificar um objetivo vital que atraia.
2. Só é alcançável pela organização/participação de muitos: quantos mais, melhor.
3. Todos são iguais, assumem iniciativas, fazem-se sujeitos da ação, co-responsáveis: a imagem é de um trabalho horizontal e não vertical.
4. As pessoas se oferecem para tarefas em que percebem ter algo a contribuir.
5. Fazer circular livremente entre todos tudo o que cada um pensa, diz, sugere: cada um oferece o que tem e recebe o de que necessita e o que o outro tem para comunicar-lhe.
6. À medida que se recebem os *inputs*, as pessoas reagem a eles com liberdade.
7. É necessário um suporte sistemático, um secretariado para onde convergem as informações e de onde se irradiam: espécie de computador-mãe, onde se dá a estocagem dos dados e sua circulação.
8. Sempre aberta a novos membros e também à saída de quem já não se sente motivado.
9. Atitudes existenciais: solidariedade, ajuda mútua, gratuidade, reciprocidade em oposição ao autoritarismo, à competição, à dominação, à centralização, à manipulação, ao elitismo e à reserva de informação. Nesse sentido, a rede exige atitude contrastante com a sociedade moderna da rapidez, da eficiência a curto prazo, da competência individual, da concorrência entre as instituições ao aceitar processo lento, cuja eficácia depende da colaboração de todos, sem concorrência, sem valorização de competências isoladas.
10. Os membros entram na rede seja a título pessoal, seja representando alguma instituição ou obra para pô-la em rede com similares.

3. Ver: WHI-TAKER, Chico. Rede: uma estrutura alternativa de organização. *Revista Vida Pastoral*, ano 34, n. 173, pp. 15-20, 1993.

11. A rede depende menos da disciplina, do cumprimento de ordens, de mecanismos de autoridade, de controle de ações e muito mais do compromisso pessoal e consciente, da participação livre e desejada, da lealdade de cada um com todos.³

Nova perspectiva de compreensão da Vida Religiosa

O trabalho intercongregacional e em rede assenta-se sobre outra perspectiva de compreensão da Vida Religiosa. Em vez de buscar a unicidade, uniformidade totalizadora, centralizada, prefere-se a integração da diversidade. Cada carisma permanece na própria identidade, não fechada em si, mas integrada no projeto maior da evangelização e da missão da Igreja. Não se generaliza um particular hegemônico de uma Congregação poderosa em pessoas e recursos a impor-se sobre as outras, mas valoriza-se o pluralismo pela intercomunicação das diversidades.

Repete-se o *slogan* “pensar globalmente, agir localmente”. A rede intercongregacional vai além. Pensa global e localmente ao mesmo tempo, pois vê a obra da Congregação (local) num horizonte global (missão da Igreja) para atuar melhor localmente (aperfeiçoar a própria obra) e globalmente (enriquecendo as outras). Articula-se o pequeno com o grande de maneira que o primeiro não absorva todas as energias nem o segundo se perca na vaguidão dos desejos e sonhos sem raiz concreta.

Experiência do Fórum Social Mundial

O Fórum Social Mundial oferece certo modelo de trabalho e organização em rede. Nele os movimentos se entrelaçam sem hegemonia, dominações, exclusões, dentro do espírito geral. L. A. Gómez de Souza, ao comentar o I Fórum Social Mundial, de 2001, escrevia:

Rede é uma maneira de comunicar informações ou práticas, entrelaçando diretamente vários atores, sem a necessidade de centros de poder aglutinador que dirijam, orientem ou selecio-

nem verticalmente. Com isso vai sendo possível superar estruturas piramidais, na articulação horizontal e flexível de ações e de conhecimentos. No Fórum viveu-se esse clima de redes, da intercomunicação horizontal do concreto, das práticas compartilhadas, indicando que há um tecido social que se refaz, na participação comunitária e democrática, num complexo processo de mutações e de ensaios a muitas mãos. Não se tratava de enunciar resoluções sobre o que se deveria fazer mais adiante, mas sobretudo de explicitar o que já se está fazendo.⁴

As congregações têm muito a partilhar do que se faz em verdadeiro “Fórum de Vida Religiosa em rede”. O professor Luiz Alberto, porém, alerta para o fato de que, “sob o nome novo de redes, podem-se perpetuar velhos hábitos, e esconderem-se, talvez disfarçados, pequenos caciques ou mesmo gurus intolerantes”. Isso acontece quando um grupo na rede se arroga o papel de dirigir em vez de partilhar e receber.

Conclusão

As possibilidades estão aí. Já surgem exemplos tanto de alianças entre corpos sociais como de trabalho em rede. Nada começa sem que se dê um primeiro passo. O clima já existe. A cultura está esperando tal tipo de atividade. Existem várias tentativas. Falta criar um *site* da Vida Religiosa que recolha as experiências em curso tanto sobre a intercongregacionalidade como sobre trabalhos em rede. E a partir do conhecimento do existente outros se lançarão à ação e o processo tem chance de avançar.

4. GÓMEZ DE SOUZA, Luiz Alberto. *Lições do Fórum Social Mundial*. Disponível em: <<http://www.ceris.org.br>>.

***Questões para ajudar a leitura
individual ou o debate em comunidade***

1. Que fatores culturais e eclesiais estão pedindo alianças intercongregacionais e trabalho em rede?
2. Que atitudes devem ser desenvolvidas em cada um de nós e no conjunto da comunidade para realizar as alianças intercongregacionais e o trabalho em rede?
3. Que ações se fazem viáveis a curto, médio e longo prazo a fim de implantar e fomentar as alianças intercongregacionais e o trabalho em rede?

Grandes questões sociais e ambientais. Interpelações para a Vida Religiosa

JOSÉ COMBLIN*

As grandes questões sociais e ambientais foram sintetizadas no *Documento de Aparecida*, e hoje em dia estão na consciência de cada um.. Tudo pode ser simbolizado pela palavra “globalização”. Mas não se trata de buscar o sentido da palavra em si. As questões surgem diante da realidade concreta da globalização. Na realidade, é a integração da humanidade inteira dentro de um modelo econômico único dirigido pelos centros financeiros do mundo, e estes estão situados sobretudo nos Estados Unidos. Quem manda são os centros financeiros dos Estados Unidos. Eles impõem um tipo de economia, por conseguinte de sociedade, uniforme. Estão impondo a todos os países o regime de livre mercado, regime que favorece os países mais ricos.

Com efeito, os países mais ricos, sobretudo os Estados Unidos, não praticam as leis do mercado. Praticam o protecionismo de diversas maneiras, de tal modo que os países mais fracos devem abrir-se à produção dos grandes, e devem produzir o que corresponde às necessidades dos grandes. Isso instala um novo sistema colonial em âmbito mundial. Os grandes centros econômicos têm um argumento forte. É melhor entrar no mercado numa posição de inferioridade do que ser expulso, ficar fora do mercado e não poder progredir em nada, ficar abandonado no deserto. O argumento convence as elites locais, por exemplo, no Brasil.

O mercado leva a uma distribuição da economia entre os continentes. Daí o trinômio já famoso: a indústria para a China, a comunicação para a Índia, a agricultura para a América Latina. O Brasil atual cabe perfeitamente dentro do sistema.

*** José Comblin**
é doutor em Teologia. No Brasil desde 1958, depois de passar por vários institutos de Teologia, dedica-se à formação de missionários leigos populares no Nordeste desde 1980. Presta assessoria na América Latina, assim como em seminários ou conferências.

Endereço do autor: Caixa Postal 13, cep 58306-970, Bayeux-PB. Tel.: (83) 3232-3093. E-mail: comblin@terra.com.br

A globalização tende à supremacia da economia. A política está subordinada à economia. O Brasil também oferece uma boa imagem dessa supremacia. Quem decide são os ministros da área econômica, e todos pertencem ao neoliberalismo bastante radical.

Aparecida insiste especialmente nas conseqüências culturais do sistema. O mercado financia um sistema de propaganda do consumismo que acaba convencendo as massas, inclusive as crianças. Todo ser humano é considerado como consumidor. O resto não importa. Tudo está subordinado ao consumo. A educação consiste em desenvolver o desejo de consumo. O resto não importa. O consumo faz com que a economia funcione. Quando baixa o consumo, toda a sociedade fica abalada.

O Papa e a Conferência fizeram as denúncias, mas não ofereceram conclusões práticas. Ninguém se sente acusado pelas denúncias. E o consumo não vai diminuir. O consumo do Natal cresceu espetacularmente. Não se deu nenhum valor às advertências do Papa ou dos bispos. É preciso fazer algo mais forte.

Quanto aos problemas ambientais, há algumas observações no *Documento de Aparecida*, até sobre a Amazônia, mas sem aplicações concretas. O governo não tem capacidade nem vontade de lutar contra o desmatamento da Amazônia porque é prisioneiro dos grandes grupos econômicos. O governo não tem sequer poder para fiscalizar a corrupção dos seus funcionários e dos políticos locais. Menos poder tem uma página no *Documento de Aparecida*. É preciso algo cem vezes mais forte do que o Greenpeace. O *Documento* não denuncia nenhum responsável pelo desmatamento da Amazônia. Que poderiam fazer os religiosos diante de uma tarefa impossível? Vamos ver algumas possibilidades abertas aos religiosos hoje em dia.

A doutrina oficial da Igreja contenta-se em chorar, mas não mostra caminhos.

Não sei se convém falar em interpelações à vida religiosa em geral. A grande maioria dos religiosos e das religiosas já

têm a vida feita. São prisioneiros das suas obras. Têm muitas obras do passado e muitas obras recentes. Não desejam ser interpelados. Por isso o *Documento de Aparecida* não contém nenhuma interpelação aos religiosos. O ritmo da vida atual multiplica as obras e as instituições. Os religiosos seguiram o ritmo.

Mas há questões sociais e ambientais que podem interpelar alguns religiosos e algumas religiosas. De qualquer maneira, é impossível imaginar mudanças de conjunto. Nunca será possível realizar a unanimidade em nada. Pode-se perder muito tempo procurando resoluções aceitáveis por todos ou todas. É melhor reconhecer que a maioria vai continuar o *business as usual*. Mas alguns podem sentir-se mais interpelados.

Um primeiro desafio poderia ser o que mencionava, pouco antes de Aparecida, o cardeal Oscar Rodriguez, arcebispo de Tegucigalpa: uma Igreja adormecida. Ela é adormecida e, apesar da perda de credibilidade e da diminuição dos que aderem a ela, Aparecida vai despertá-la? Se for assim, os religiosos terão de seguir o mesmo movimento.

Aparecida diz que é necessário passar de uma pastoral de conservação para uma pastoral de missão, o que é o óbvio, mas que será bom repetir muitas vezes. Passar para uma pastoral de missão é pôr fim a uma história de 15 séculos. Pois durante 15 séculos a pastoral de missão não foi outra coisa a não ser uma pastoral de conservação estendida à terra inteira. Isso é justamente impossível hoje em dia.

Uma das questões que surgem da leitura do *Documento* é a imprecisão do conceito de missão. Qual é a finalidade da missão hoje em dia aqui na América Latina? Qual é o projeto? Que é que se pretende fazer para entrar nessa missão? Tudo isso fica indeterminado e, por conseguinte, se presta a diversas interpretações. Pode ser que o projeto seja aumentar o número de católicos praticantes para parar o movimento de fugas para as Igrejas pentecostais. Nesse caso, basta continuar o *marketing* católico. Não será preciso mudar muitas coisas. Se se trata de voltar para Medellín e levar as forças vivas da Igreja para as massas populares, o projeto será diferente. Se se trata de apresentar às novas gerações

um modelo de vida cristã compreensível, o projeto também será diferente. Tenho a suspeita de que a maioria estaria de acordo com o primeiro projeto, pelo menos interiormente. É a solução mais fácil.

Aparecida lançou o tema do discipulado, o que é ótimo. No entanto, não aparece claramente em que consiste esse discipulado. Que é ser discípulo hoje em dia? É fazer o quê? Quais são os gestos, os atos, as atitudes que encarnam, hoje, o que Jesus fez? Não está claro no *Documento*. Pois seria impossível e irrelevante reproduzir materialmente o que Jesus fez. O que se espera são orientações para a prática de hoje. *Medellín* foi muito claro, mas *Aparecida* não consegue ser tão claro.

Medellín deu um *Documento* claro porque estava baseado em experiências concretas e, particularmente, em experiências de bispos. Detrás das palavras havia essas experiências e a leitura do *Documento* fazia-se a partir delas. Não aparecem quais foram as experiências que podem facilitar a leitura de *Aparecida*. Quais são as experiências concretas, sobretudo dos bispos, que revelam o sentido concreto das palavras? Não constam.

Por isso alguns religiosos e algumas religiosas poderiam sentir a vocação de fazer experiências novas. Pois a caminhada não se faz a partir de teologias, mas a partir de experiências vividas num povo bem determinado. Não esperem que todos estejam de acordo. Esperariam até o fim dos tempos. Neste tempo de Igreja adormecida, a teologia revela-se um discurso vazio e repetitivo. A Igreja não progride a partir de raciocínios teológicos. Nunca houve tantas escolas de teologia e nunca houve tanta esterilidade intelectual. A razão é que falta a matéria sobre a qual se pode pensar.

João Paulo II declarou que a era das experiências estava clausurada. O resultado está ali. O direito canônico nunca foi cumprido tão rigorosamente, mas a Igreja adormeceu.

Para iniciar experiências novas, não tenho conselho para dar. Por sinal, tudo é imprevisível. Ninguém sabe porque uma pessoa, de repente, descobre uma realidade e se com-

promete com ela. Somente posso mostrar alguns aspectos da realidade atual, sem a pretensão de dizer coisas novas.

A favelização da humanidade

A favela é o futuro da humanidade. Basta ver o que acontece na Ásia ou na África, ali onde está a humanidade futura. As aparências são diferentes. Os países estão construindo cidades à altura de todas as comodidades que oferecem as tecnologias. A cada dia a vida dos privilegiados se torna mais confortável. Mas isso é aparência, porque ao lado disso crescem incessantemente as favelas. Mesmo no Brasil, um país relativamente rico, o fenômeno está claro. Como é fácil percorrer uma cidade ou viver nela durante anos sem nunca ter visto uma favela; muita gente ignora essa realidade. Aliás, os urbanistas fazem todo o possível para que a vista das favelas não venha entristecer a vida dos privilegiados.

Quando dom Helder fundou, em 1955, a Cruzada São Sebastião e, depois, o Banco da Providência, tinha a ilusão de poder eliminar as favelas de Rio de Janeiro em poucos anos.

Hoje, na TV, as favelas aparecem como antros de bandidos, refúgio dos traficantes de drogas, lugares de violência armada, onde a cada dia as forças de polícia conseguem prender bandidos, destruir toneladas de drogas, eliminar dirigentes do tráfico de drogas, e no entanto tudo continua como sempre. A favela seria a anti-humanidade, o espaço vazio de valores humanos.

A realidade é bem diferente. Há uma civilização das favelas.¹ A duras penas os habitantes vão construindo e melhorando as suas condições de vida. Com muita criatividade, aproveitam todos os pobres recursos que conseguem descobrir. Entre eles se acha a solidariedade, a gratuidade, a colaboração ativa, a sociedade fraterna, que desapareceram faz tempo nas cidades burguesas.

Além disso, o carnaval mostra quantas possibilidades de desenvolvimento cultural há entre os favelados. Aparecem

1. Cf. SOBRINO, Jon. "El pueblo crucificado" y "la civilización de la pobreza". *Revista Latinoamericana de Teología*, San Salvador, El Salvador, n. 66, pp. 209-228, 2005.

poetas, músicos, artistas oradores, atores, com uma criatividade que com certeza se pode comparar com as melhores realizações culturais, se não as superam em vários aspectos.

Há uma civilização popular em pleno desenvolvimento. Há nessa civilização um imenso espaço aberto para os cristãos. Não se trata de comunicar a esse povo o Evangelho, porque já o conhecem na prática da vida, mas de enriquecer a Igreja com as suas contribuições.

Há artistas profissionais, criadores de cultura, compositores ou escritores que se enriquecem em contato com eles. Por que não a Igreja?

Precisamos eliminar da consciência cristã a idéia de que se trata de "dar". O que se pode dar é ensinar a fazer, mas a doação unilateral de objetos acabados não resolve, pois deforma a mentalidade, cria uma mentalidade de mendigos. Em lugar de doação, o que podemos dar é amizade, escuta, partilha.

Podemos aprender muito da sabedoria desse povo que consegue viver humanamente em circunstâncias muito adversas.

O acesso à universidade

Está sucedendo um fato cultural decisivo. Há cem anos, no Brasil, havia somente algumas centenas de alunos nas poucas escolas universitárias. Hoje, são milhões. Entre eles são milhões os que pertencem ao mundo popular. Esses universitários não vivem a religião popular tradicional. Precisam de uma mensagem mais elaborada. A imensa maioria nada sabe de Jesus, salvo o que permaneceu no folclore nacional, o que é pior que nada. Nada sabem dos Evangelhos que nunca leram. O nível intelectual da paróquia não vai convertê-los. Por sinal, quantos freqüentam as paróquias?

É muito mais fácil abrir uma faculdade do que comunicar o Evangelho a um estudante. Será por isso que tantas congregações abrem tantas faculdades?

O mundo dos universitários pobres e dos jovens intelectuais pobres é enorme. Se um dia houver uma humanização

da sociedade neste país, será o efeito do trabalho dessas elites pobres. Ora, elas podem ser recuperadas pelo sistema por desespero. Podem crer que, de fato, toda mudança é impossível e que a sociedade atual não tem remédio.

Não está longe o momento em que a metade da juventude terá passado pela universidade. Onde está a Igreja?

De fato, estão surgindo no país inteiro jovens que descobrem o Evangelho e procuram formar grupos ou comunidades em ruptura com a sociedade atual. Mas ainda é um pequeno começo. Creio que essas fundações novas têm mais porvir que as pastorais vocacionais que procuram incorporar os jovens dentro de instituições antigas.

No entanto, religiosos e religiosas que podem apresentar de forma atualizada os grandes rumos das grandes espiritualidades cristãs podem desempenhar um papel importante. Muitas vezes os novos grupos ignoram o passado da vida evangélica ou mística e correm o perigo de buscar o que já existe há muito tempo. Também correm o perigo de permanecer num entusiasmo juvenil sem fundamentos espirituais suficientes.

Sucedem que muitos padres e religiosos não falam de Jesus. Falam muito da Igreja, mas à Igreja não interessa ninguém além deles mesmos. Os novos grupos falam de Jesus. Esta é a sua grande superioridade. Esses grupos vivem conscientemente uma ruptura com a sociedade estabelecida burguesa e consumista. Hoje em dia, temos a impressão de que as instituições tradicionais procuram esconder o mais possível o que poderia dar a impressão de ruptura. No entanto, na história da Igreja todas as reformas e todas as criações novas começaram como uma ruptura com a sociedade estabelecida.

O movimento monástico desenvolveu-se extraordinariamente nos séculos IV e V como reação contra a decadência das comunidades cristãs que foram profundamente contaminadas pelo paganismo, doravante introduzido pela integração da Igreja como religião imperial. Inúmeros jovens sentiram que o espírito de Jesus já não animava as comunidades. Fugiram. Não tinham, naquele tempo, nenhuma ou-

tra alternativa. Fugiram para encontrar a Deus fora das suas comunidades, porque ele já não estava ali. Foi uma ruptura radical. Eles deixaram essa imagem forte de ruptura com a sociedade oficialmente cristã e realmente pagã.

Os mendicantes foram uma ruptura com uma Igreja rica e poderosa, com uma Igreja de mosteiros ricos e de bispos poderosos. Tiveram muitos problemas com a hierarquia. Sempre procuraram o reconhecimento dos papas, que, sobretudo desde o século XIV, os traíram tantas vezes. Milhares de jovens em poucos anos entraram nos mendicantes: buscavam uma ruptura.

Acho que estamos numa época semelhante. A Igreja adormeceu nos braços do conforto da sociedade de consumo. Perdeu os sinais de ruptura que têm um significado evangélico. O silêncio da doutrina social da Igreja é parte do fenômeno. A Igreja já não quer cortar a amizade com os grandes poderes deste mundo. Aliás, não bastaria com uma doutrina. O que se busca é uma ruptura visível capaz de chamar a atenção.

Tal fenômeno deve atingir especialmente os jovens universitários, mais conscientes e com mais capacidade de decidir eles mesmos sobre sua vida. Além disso, esses jovens se sentem mais capazes e têm mais personalidade. Os filhos e as filhas de famílias muito pobres, com formação intelectual limitada, terão medo.

Qual é o papel dos religiosos das instituições tradicionais? Será preocupar-se pela reprodução do seu instituto? Ou será transmitir à nova sociedade as forças da sua espiritualidade?

Os religiosos e a política

Há alguns anos, as religiosas de Notre Dame de Namur, uma das congregações intelectualmente mais desenvolvidas dos Estados Unidos (no Brasil, também estavam na vanguarda das lutas sociais e políticas), tinham uma casa em Washington, cuja missão era acompanhar o Congresso. Queriam fiscalizar os votos e as posições dos diferentes deputados ou senadores, descobrir e denunciar casos de corrupção, con-

tradições entre os discursos e o comportamento real. Oficialmente, tratava-se de defender os interesses da Igreja Católica, mas a prática era muito mais extensa. Não sei se esta casa ainda existe. Se ainda existe, deve ter muito trabalho.

Nas democracias mais recentes, a possibilidade de corrupção aumenta. A experiência mostra que os poderes do Estado não têm capacidade para lutar eficazmente contra essa corrupção. Muitos casos são conhecidos e denunciados. Mas o poder judicial defende eficazmente os corruptos. O povo recebe poucas informações. Durante um tempo a mídia alimenta o escândalo. Depois, aparece outro caso e os juízes intervêm para apagar tudo.

Os políticos profissionais dificilmente podem insistir em denúncias concretas porque enfrentam risco de morte, e, de todo modo, o risco de nunca mais encontrar emprego. Sem contar que muitos também precisam do segredo. Há um acordo implícito para não fazer denúncias para não ser denunciado.

Os religiosos não têm família e podem assumir mais riscos. Mas é claro que, para poder exercer essa função, precisam estar acima de qualquer suspeita. Se a Igreja consegue o silêncio da mídia sobre casos de corrupção e quer comprar uma proteção para seus membros, como é costume fazer no clero, ela não poderá abrir a boca.

Pode-se dizer que a política é responsabilidade dos leigos. No entanto, há certas funções políticas que são perigosas. A um pai de família não se pode exigir que arrisque a vida porque mexe com a corrupção, enquanto os religiosos permanecem muito sossegados nos seus conventos. Se a política real fosse o que está escrito na Constituição, nunca haveria risco. Mas essa é a política no papel. Na realidade, o papel não importa muito. O jogo político real é bem diferente e o povo não sabe. Sabe de modo geral, diz que todos os políticos são corruptos, mas não conhece os casos concretos e continua votando nos candidatos corruptos.

Não há meios de comunicação que possam dizer tudo o que sabem. Podem ser processados e, ainda que digam a verdade, serão condenados pelos juízes.

A política real é uma atividade perigosa se um político quer ser honesto e fiel à verdade. No entanto, é bom que haja alguns cidadãos que assumam esse papel. Por que não poderiam ser religiosos ou religiosas?

Os problemas sociais e os religiosos

Os problemas sociais são de uma envergadura tal que exigem soluções que supõem movimentos de milhões de pessoas. Neste momento não se manifestam respostas globais eficazes aos grandes problemas sociais mundiais. Somente podemos entrar em problemas localizados, muito parciais.

É verdade que os religiosos são constituídos de pessoas espalhadas pelo mundo inteiro. Poderiam formar entidades mundiais dedicadas ao nível mundial dos problemas sociais. Poderiam estabelecer uma entidade de algumas centenas de intelectuais formados nas disciplinas sociais e conhecedores das principais línguas mundiais em Nova York para acompanhar os trabalhos da ONU e das organizações ligadas à ONU. Poderiam ser uma fonte de informações para todas as Igrejas do mundo. Poderiam dar sugestões aos governos que precisam de informações. Poderiam mostrar como, na prática, podem colaborar pessoas de todos os continentes.

De modo geral, os religiosos têm poucas ambições, por isso não atraem. Têm uma visão muito limitada da humanidade atual. Dão muita importância aos problemas minúsculos da sua província religiosa, como se isso tivesse importância, e não querem meter-se no mundo.

Os religiosos não são representantes da Igreja. Podem meter-se neste mundo como cidadãos do mundo. Não são um Vaticano paralelo. Podem agir como uma associação de cristãos.

Os religiosos não vão resolver nenhum dos problemas sociais. Mas podem influir nos centros de decisão. Poderíamos

pensar que essa influência seria tarefa dos partidos políticos. Mas não há nenhuma possibilidade de que os partidos o façam. Os partidos pensam em função das próximas eleições. Os problemas do mundo não lhes interessam.

Os religiosos são mais livres. Podem assumir responsabilidades que outros não podem. Podem dizer ou fazer o que outros não podem fazer, nem dizer. Não precisam defender uma carreira, podem contar com o apoio de irmãos ou irmãs.

No mundo atual, numa sociedade dita democrática, todos vivem com medo. Têm medo de perder o emprego, porque nada é seguro. As empresas são ditaduras. Pode ser um alto executivo e perder o emprego de um momento para outro. A competição é universal. Um colega é um possível rival. Quem tem produtividade mais baixa vai ser eliminado. Daí o estado de estresse que se torna o modo habitual de viver no mundo ocidental.

Numa sociedade de medo, os religiosos são livres, mas muitos não parecem saber o que fazer da sua liberdade. A sua liberdade fica sem objeto. No entanto o Evangelho que anunciam é um Evangelho de liberdade. Jesus anuncia a liberdade. A mensagem do Evangelho é uma mensagem de liberdade. Como uma pessoa pode anunciar a liberdade se ela própria não é livre?

Em outros tempos, podiam exaltar a obediência. Não vamos discutir as razões que justificavam isso no passado. Mas hoje em dia pregar a obediência é pregar a submissão a esta sociedade de escravos em que estamos. É verdade que se trata de uma escravidão bem confortável — com a condição de produzir e de ficar calado. O difícil, hoje em dia, é ser livre.

Os religiosos não casam. Mas não é por desprezo do sexo. Não pode ser para oferecer a Deus uma privação dolorosa como se esse tipo de sacrifício pudesse agradar a Deus. Não casam, como São Paulo, para permanecer mais livres. Mas se não sabem o que fazer com a sua liberdade, não casar não faz sentido. Deus não é um patrão sádico que gosta de ver os seus súditos sofrendo. O que Deus quer é a liberdade.

Quanto à pobreza, uma pessoa que quer permanecer livre não precisará buscar a pobreza, ela virá por si só.

Projetos sociais

Os religiosos não têm possibilidade de enfrentar diretamente os grandes problemas sociais da atualidade, que são problemas mundiais. Podem exercer uma certa influência sobre as pessoas que decidem. Mas essas pessoas representam entidades poderosas. Apesar de tudo, uma consciência coletiva poderá ter importância. No entanto, podem assumir alguns problemas sociais locais e limitados

Um problema é a defesa dos direitos humanos em casos locais e limitados. Um exemplo é a existência de escravos no Brasil, problema que a autoridade política não pode ou não quer assumir. O governo precisa dos votos da bancada ruralista, que conta com 116 deputados. Por isso não pode tomar nenhuma medida contrária aos interesses dos latifundiários. Apesar disso, é possível realizar campanhas de divulgação no mundo, despertar a atenção de organizações mundiais. É possível juntar documentação, dar testemunhos internacionais, organizar denúncias mundiais. Há alguns sacerdotes comprometidos com o problema, mas poderia haver muitos mais para provocar uma verdadeira reação pública. Essas coisas precisam de sinais que despertam e abalam, como o sinal do jejum de dom Luís Flávio Cappio. Somente escrever não move, porque *ninguém lê*. Mas há gestos que acabam chamando a atenção da mídia.

Um problema que deve contar com a colaboração das religiosas é a violência contra as mulheres. As mulheres têm medo e não reagem porque as associações que deviam defendê-las não têm força social. Há muitas formas de violência contra as mulheres. A primeira é a agressão do marido ou do companheiro. Não basta uma advertência da delegada ou uma ameaça. É preciso acompanhar o caso, o que exige que haja muitas pessoas empenhadas no assunto. Não se pode deixar em paz um homem que agride com violência uma mulher. Há religiosas que se dedicam a essa tarefa, mas

seria preciso ter dez vezes mais, porque os casos são numerosos. Os juízes não se movem se não há um organismo que os persigam até que se disponham a agir.

O problema das cadeias públicas é um dos maiores escândalos. De vez em quando, a mídia dá a conhecer o caos, sobretudo quando há rebelião dos detidos. Os presos são tratados pior do que os animais. A sugestão de recorrer às leis de proteção dos animais pode ser um caminho. De novo, nada acontece se não há insistência, perseverança, como na parábola da viúva que importuna tanto o juiz que este acaba por fazer-lhe justiça. Não incomodamos os juízes nem os delegados. Eles se acham super-homens acima de qualquer crítica.

Não pretendo elencar problemas parciais que poderiam ser assumidos por religiosos, mas apenas dar alguns exemplos.

Não se nota muita perseguição contra religiosos neste momento. Não é bom sinal. É sinal de uma Igreja adormecida. O Evangelho é muito claro. Se não há perseguição, é porque queremos evitar qualquer conflito com as autoridades. A situação normal seria uma perseguição. Assim como aconteceu com dom Pedro Casaldáliga, que é um religioso fiel à sua vocação. Nunca procurou agradar as autoridades ou guardar o silêncio diante de situações gritantes. Mas um dia ele vai morrer. Quem vai assumir a sucessão?

Problemas de socialização

Um dos efeitos mais perniciosos da atual globalização é a destruição sistemática das organizações populares. As ONGs, como os sindicatos ou as associações de bairro, burocratizam-se. São fontes de empregos. Os dirigentes temem, antes de tudo, perder o seu emprego, por isso sabem que não podem discutir o sistema de modo prático. Podem até certo ponto fazer discursos inflamados, mas não podem lançar o povo na ação. O resultado é uma atomização da sociedade.

Os religiosos não se submetem a nenhuma burocracia. Podem dedicar-se a refazer um tecido social no lugar em que estão morando. Trata-se de descobrir em qualquer lugar

quais poderiam ser os interesses comuns de muitas pessoas. O povo ressuscita quando se une num agir comunitário. Há uma imensa diversidade de associações possíveis.

A paz

América Latina é parte do mundo. Deixou de ser colônia. Deve intervir nos assuntos mundiais, particularmente nos desafios da paz mundial. Ainda existe o preconceito de que quem deve definir os rumos da Igreja são os europeus, particularmente a Santa Sé. Os europeus já não têm política mundial própria. São apêndices da política dos Estados Unidos. A Santa Sé tem por prioridade manter boas relações com todos os governos, e, na prática, os mais importantes são os mais fortes.

Quem trabalha realmente pela paz mundial?

O conflito dominante da atualidade, o conflito que alimenta já várias guerras e que pode provocar a explosão de guerras mais importantes ainda é o conflito entre os descendentes dos "Cruzados", Estados Unidos e Europa, e o Islã. A guerra é latente em vários países da África: Sudão, Chad, Nigéria, Etiópia, principalmente. A guerra está aberta no Iraque e no Afeganistão, e também na Palestina, por intermédio de Israel. Na Europa, a guerra continua na Chechênia, e pode explodir de novo entre a Albânia e seus vizinhos.

Entre o Ocidente e o Islã houve 14 séculos de guerra quase sem interrupção, ainda que houvesse também, em alguns países, situações de convivência pacífica. Durante séculos, a civilização muçulmana foi dominante. No entanto, desde o século XVI, o Ocidente conquistou vantagens. Teve um desenvolvimento científico e tecnológico mais avançado, o que lhe deu exércitos e marinhas mais poderosas.

Nos séculos da modernidade, a distância foi crescendo entre o Império Turco e as potências européias. Depois da queda do Império Turco, os europeus dominaram todos os países árabes, que, deixando de ser submetidos pelo Império Turco, o foram pelo Império Britânico. Essa humilhação do Islã foi e ainda é sentida como uma ofensa e uma ferida

coletiva. Isso fere profundamente o orgulho coletivo. Os árabes nunca aceitaram a dominação européia, ou seja, a dominação dos Cruzados.

Há, no Ocidente, muitas organizações que preparam um confronto militar global entre o Ocidente e o Islã. Ora, o confronto é basicamente religioso e essas organizações querem exasperar o sentimento de hostilidade entre as duas religiões. Há uma propaganda sistemática que apresenta essa guerra de religiões como inevitável.

O que fazem os cristãos de América Latina em vista de uma reconciliação entre as duas religiões é infinitesimal. Tudo sucede como se as Igrejas latino-americanas pensassem que o problema não lhes diz respeito. No entanto, os católicos latino-americanos são a metade dos católicos do mundo e não podem fugir a essa responsabilidade. Não podem esperar que venha uma solicitação de Roma, porque Roma não está interessada. A prioridade romana não é a reconciliação com os muçulmanos, mas as boas relações com os Estados Unidos e Europa, os Cruzados de hoje.

Ora, os latino-americanos não têm obrigações prioritárias com os Estados Unidos e Europa. Podem não aceitar o papel de "Cruzados", ainda que as classes dirigentes gostassem de uma identificação com as políticas dos Estados Unidos e da Europa. Podem não aceitar a tese de que a oposição entre o Ocidente e os árabes é um problema puramente político, porque é evidente que no fundo do problema político há um problema religioso.

Os religiosos poderiam ser os operários da paz. Poderiam mostrar que os cristãos não são necessariamente os Cruzados. Isso exigiria muitas atividades de diálogo. Em primeiro lugar, seria preciso conhecer o Islã, principalmente no que tem de melhor. Em seguida, seria preciso organizar muitas atividades de convivência entre cristãos e muçulmanos. Que haja poucos muçulmanos na América Latina não justifica a passividade. Pois há aviões, há Internet, há encontros internacionais que podem ser aproveitados.

Há outro mundo que se abre aos cristãos: a China. A China é a parte do mundo que fica mais perto do cristianismo. Se uma conversão do Islã é impensável neste milênio, a China é diferente. A China passou por uma época de marxismo e nunca renegou o marxismo. Ora, o marxismo é uma boa introdução ao cristianismo. Pois a visão marxista do mundo é a visão bíblica. Para o marxismo, a tarefa da humanidade é transformar a própria humanidade passando de um sistema de dominação do ser humano sobre o ser humano por intermédio do dinheiro para uma sociedade de iguais, em que todos colaboram formando um mundo de fraternidade.

Que o marxismo tenha sido invocado para dar cobertura aos sistemas burocráticos da União Soviética ou de Mao, na China, dificulta o problema, porque muitos definem o marxismo pelo contrário do marxismo. O desafio seria voltar ao verdadeiro marxismo, que pode ser uma boa porta de entrada.

Pois o marxismo procurou emancipar a inteligência chinesa do domínio das antigas filosofias chinesas essencialmente conservadoras e do paganismo primitivo das massas que as mantêm num estado de subordinação legitimado pela religião. O marxismo define o mundo como lugar de trabalho, lugar de construção de uma sociedade, como responsabilidade humana e não como sujeito à dominação de forças sobrenaturais. Nisso o marxismo pode cumprir o papel das filosofias gregas. O ateísmo é puro mal-entendido, porque Marx somente conheceu o cristianismo burguês do seu tempo. Negou o deus da burguesia, o deus do dinheiro, do mercado, do capital. Esse deus era a legitimação do sistema de dominação.

Todos sabem que dentro de poucas décadas haverá um conflito maior entre Estados Unidos e China para a liderança no mundo. Não haverá necessariamente uma guerra com as armas, mas, com certeza, uma guerra econômica. Com quem estará a Igreja? O Vaticano dirá que é equidistante e não toma partido por nenhum dos competidores. Essa será a teoria. Mas, na prática, com quem estará a Igreja? Quem

tratará de que se mantenha, de fato, a equidistância? Quem poderá entender as posições da China? Quem pode pensar que se possa evangelizar a China daqui a trinta anos a partir dos Estados Unidos ou da Europa? Então, será a partir de quem? A resposta pertence aos leitores.

***Questões para ajudar a leitura
individual ou o debate em comunidade***

1. Dentro das perspectivas apresentadas, há alguma coisa que desperta a sua imaginação?
2. Qual é o valor da liberdade na sua concepção da Vida Religiosa?
3. Conhece religiosos(as) que teriam aspirações semelhantes?